

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 3
transcrito



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br*, para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debrucem sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

2011	1
120 A CIGANA pg. 1	5
121 TRÊS RUSSOS pg. 6.....	7
122 SAUDOSO AMIGO pg. 12	9
123 UMA MULHER INFELIZ pg 19	12
124 PINGA É O QUE LHE FALTA pg. 30	17
125 SUPERIOR ÀS PRÓPRIAS FORÇAS pg. 34.....	18
126 PRIMAVERA pg. 36.....	20
127 GATO PRETO pg. 39.....	21
128 MANCHAS SOLARES pg. 42.....	21
129 CACHORRADA pg. 46.....	23
130 SEM RECEITA pg. 53.....	25
131 ATÉ O PADRE!... pg. 56.....	27
132 SÓ PARA OS "GUSANOS" pg. 61.....	29
133 MÃOS DE ANJO pg. 65.....	31
134 AINDA HÁ DE SER MEU CHOFER pg. 71.....	33
135 SÚCIA DE VELHACOS pg. 76.....	35
136 MAIS UM P pg. 83	38
137 SÓ ESCAPARAM AS CRIANCINHAS pg. 89.....	40
138 CENTENÁRIO pg 92	42
139 ATÉ PARA MORRER pg. 95	43
140 LÍNGUA SALGADA pg. 97	44
141 ANEURISMA pg. 101.....	46
142 LOUCURA GRAVÍDICA pg. 104.....	47
143 DISCURSO GUERRA DOS FARRAPOS pg. 107.....	48
144 DENTES PRECOCES pg. 117	52
145 DISCURSO A CEZAR MONTAGNA PG. 119.....	53
146 DISCURSO AO DR. IVO BARBEDO PG. 123	55
147 DISCURSO DE PARANINFO PG. 127.....	57
148 DISCURSO NO ESPORTE CLUBE GAÚCHO PG. 134.....	60
149 DISCURSO AO BISPO DOM ATTICO PG. 140.....	62
150 DISCURSO SOBRE O DR. BORGES PG. 143.....	64
151 DISCURSO NA PEDRA DA CATEDRAL PG. 146.....	65
152 DISCURSO NO COLÉGIO NOTRE DAME PG. 160	70
153 DISCURSO NO 8º REGIMENTO DE INFANTARIA PG. 167.....	73
154 DISCURSO NO CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES PG.170.....	75
155 DISCURSO AO CORONEL GABRIEL BASTOS PG. 176.....	77
156 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL PG. 178	78

157 DISCURSO DE AGRADECIMIENTO PG. 188.....	82
158 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL PG. 191	84

Início o 3º volume das minhas obscuras conquistas, para que elas não repousem eternamente no pó do esquecimento, exatamente no dia 5 de Setembro, data, para mim, duplamente memorável, porque nesse dia, em 1909, nasceu a minha adorada Maria, e, em 1932, “l’année terrible” sofri estúpido ataque à liberdade de pensamento e de ação, sendo recolhido ao cárcere, o qual, do lodo infecto que atravessávamos, nem sequer salpicou a alvura imaculada da minha dignidade, quer pública, quer privada: honra aos homens de bem, de altivez e de brio, que não se curvaram aos ridículos potentados de uma época triste e miserável, em que a traição campeava no Rio Grande do Sul!

Na minha existência de 53 anos, só tenho me genuflexado perante Deus e perante o túmulo de meus Pais.

Agora, daqui, querida filha, da “cidade maravilhosa”: Copacabana, Leblon, Ipanema, Corcovado, Pão de Açúcar, Juá, Tijuca, Silvestre, Paineiras, Baía de Guanabara, Paquetá, Lagoa Rodrigo de Freitas, Quinta da Boa Vista, Avenida Central, Cinelândia, Botafogo, Flamengo, Glória, Estrada Rio Petrópolis, rota de São Paulo e tantas outras expressivas belezas, envio-te com saudoso abraço, meu beijo de amor e de felicidades.

Escritas essas palavras, à guiza de prefácio, passo à “Nota” de hoje, intitulada “A cigana”.

No dia 20 de Setembro de 1930, estava eu à porta do meu consultório, a espera de um automóvel para me conduzir à casa do Coronel Marcos Bandeira, em Águas Santas, onde ia ultimar com ele o plano de ataque ao 8º R. I., em 3 de Outubro, quando uma cigana, linda e suja, dentro das suas vestes largas e de cores variegadas, ainda jovem, de um bando chegado na véspera, parou-se em minha frente e quis tirar-me a sorte.

Em tom seco e áspero, preocupado com a enorme responsabilidade do golpe revolucionário, mandei-a embora.

Fez uma segunda tentativa, novamente repelida, e parou-se à esquina, com aspecto de certa tristeza, olhando-me de soslaio.

Pela primeira vez, nesse sentido, a curiosidade aguçou-me o espírito, e, vendo que na rua não havia ninguém, fiz-la entrar na pequena sala de espera.

Essa mulher nunca me vira, nem poderia saber meu nome, e, se o soubesse, não ligá-lo-ia à pessoa, por isso que eu estava de capa, de botas e de chapéu grande.

Ali mesmo, examinou-me atentamente os olhos e as mãos, e sem que eu, por todo o tempo, lhe abrisse a boca na pronúncia de uma só palavra, assim falou a “Gitana”:

- Simpatizei muito consigo, vou tirar a sua sorte, e não lhe cobro nada. O Sr. é educado e instruído. Sua infância foi muito triste; sofreu grandes desgostos e passou por grandes dificuldades, mas venceu. É casado. Tem 2 filhos. Em 1933, vai fazer uma longa e demorada viagem, talvez para fora do País. O Sr. tem aqui muitos amigos de berço, mas os de coração são em menor número. Não lhe fazem mal, porque não podem. Mas aguardam oportunidade. O seu maior inimigo é um que se finge de amigo: um homem moreno, um pouco calvo e defeituoso, mas não se preocupe muito, porque ele morre logo. O Sr. já teve fortuna, botou-a fora, porque é um mão aberta, mas vai morrer muito rico. Guarde esse talismã... e deume uma pedrinha... e calou-se...

O meu estado era de surpresa e de admiração.

Só por muita insistência, aceitou cinco mil réis.

Andei a conjecturar em tudo aquilo por muito tempo, e no dia imediato à sorte, contei toda aquela história, com pormenores, aos meus amigos Ruy Vergueiro, Henrique Scarpellini Ghezzi e Pupe Loureiro, que poderão atestar a veracidade.

Do meu passado, tudo era verdade, e do futuro só faltavam a viagem. A morte do amigo falso e a fortuna.

A viagem realizou-se exatamente no ano prefixado, quando estive exilado na Argentina; em relação à segunda parte, afirmo que pela descrição do homem, veio-me imediatamente à lembrança a pessoa do Cel. Edmundo Dalmacio de

Oliveira, pois que, há muito, já vinha compreendendo a sua deslealdade para comigo, e o falecimento dele, no dia 20 de setembro de 1931, exatamente um ano depois, confirmou cabalmente a previsão da “zingara”.

Só falta a fortuna... Aguardemo-la.

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1935.

121 TRÊS RUSSOS pg. 6

No auto do negrinho Netto, em Abril de 1931, saí, às 3 horas da tarde, para Boa Vista do Erechim, a fim de ali atender à esposa do meu compadre Antoninho Weber, gravemente enferma e que, dias depois, veio a falecer.

Pouco antes das cinco, distante um quilômetro do Desvio Araújo, quando começamos a descer uma coxilha, de estrada péssima, divisei, no chato, em baixo, três tipos maltrapilhos, que caminhavam ombro a ombro.

Aperceberam-se do auto e, correndo, estenderam linha, de 15 a 20 metros de afastamento um do outro. Notei a manobra suspeita, tirei o meu 38 do coldre, coloquei-o entre pernas e chamei toda a atenção do chauffer. Eu viajava ao lado direito deste, e atrás vinha o meu empregado Cacildo, que ouviu o aviso, sacando também a sua arma.

O veículo marchava lentamente: passei pelo primeiro, que trazia às costas um saco seguro com a mão esquerda e na direita, um reforçado pedaço de madeira. Ao cruzar pelo segundo, este parou-se na frente do carro, pedindo que parasse, o que mandei fazer, continuando, porém, o motor a trabalhar.

Falando um péssimo espanhol, o indivíduo dirigiu-se para o lado do chauffer e disse que tinha um papel para me mostrar. Estava bem atento a todos os seus movimentos, e, ao levar a mão ao bolso interno do seu casaco de brim, ali percebi o cabo de uma Browning. Não esperei mais nada e, rápido, apontei-lhe o 38, em decisiva atitude:

- Mãos para o alto, senão morre... o que imediatamente obedeceu.

Nesse ínterim, Cacildo avisa-me que o homem, que ficara para trás, largara a trouxa e vinha em nossa direção, de modo agressivo.

Sem me afastar da mira, ordenei com energia:

- Calce-o no revólver, se der mais um passo, atire-o.

O que estava na frente, em face dessa reação violenta, correu para o mato, e assim seguimos, o carro em marcha cada vez maior, até perdê-los de vista e da mira.

Era clara a tentativa de assalto, cujo móvel necessariamente era o roubo, e, se não fossem a nossa presteza e energia, seríamos fatalmente mortos ou feridos.

Regressamos à cidade à meia noite, e por toda a estrada nada vimos de anormal.

Nessa mesma hora, comuniquei o atentado à polícia, a quem pedi providências.

O sub-chefe da região, simulando interesse e zelo, fez seguir, muito cedo, um caminhão com soldados, que, na estação de Coxilha, prenderam os assaltantes.

Eram três russos, já corridos de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

À tarde, informou-me aquela autoridade não haver encontrado neles nenhuma arma de fogo, apenas três facas comuns.

À alta noite, estive em minha moradia o sargento Hilário para referir-me ter o sub-chefe me mentido, pois no russo menor, o mesmo que falara comigo, tinha em seu poder um revólver Browning, e que os presos haviam sido soltos, não sendo apreendida a arma em referência.

Não me importei com isso, assinalei o fato e tomei as medidas particulares que julguei precisas para a minha defesa.

O acontecimento teve larga repercussão, e os principais jornais do Estado o noticiaram.

Gil Kurtz Barbosa, bodegueiro sem escrúpulos, irmão de Samorim, o cruel e bárbaro matador da senhora Frydberg, acolheu os três “inocentes” em sua residência, apresentando-os como vítimas de minha perseguição.

Na primeira 4ª feira, que era da semana santa, estando um seu empregado já deitado, ouviu quando os “pobrezinhos” no quarto próximo, planejavam, para a madrugada de 5ª para 6ª, a morte de Gil e, cautelosamente, saiu, comunicando-lhe e à polícia. Somente depois disso, o “zeloso” sub-chefe resolveu expulsar os estrangeiros.

Essa autoridade era o Tte. Cel. Edmundo Dalmacio de Oliveira, que se dizia muito meu amigo... Bem razão tinha a cigana.

Dorme, há quase quatro anos, no seio da minha terra amada aquele que nunca compreendeu a sinceridade de minha afeição, e, à sombra da qual, viveu, subiu e galgou posições.

Eu, no entanto, o perdôo do mal que, tantas vezes, contra mim tentou... a revolta da criatura contra o criador é história bem antiga, e muito conhecida é também a de cuspir no prato em que se comeu...

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1935

122 SAUDOSO AMIGO pg. 12

Um dos grandes amigos que tive, desde a meninice, rico de sonhos áureos e de lindas esperanças, foi Afonso Gabriel de Oliveira Lima.

Éramos, nas férias acadêmicas, inseparáveis companheiros de bailes e de passeios.

Exercia o cargo de escrivão do civil e crime, em Passo Fundo, e por questões políticas, por motivo de uma certidão falsa fornecida por um seu irmão, que aspirava o emprego, foi preso pelo Dr. João Coelho Cavalcante, então juiz de comarca: ou morria ou pedia demissão, foram as pontas do dilema que lhe foi imposto por aquele juiz, com poderes especiais concedidos pelo Dr. Julio Prates de Castilhos para agir contra o Coronel Gervásio Lucas Annes e seus correligionários.

Depois de viva relutância, e instado por sua velha mãe, resolveu exonerar-se, e datou o seu requerimento da cadeia Municipal, isso em 1903.

João Coelho Cavalcante, juiz, poeta de renome, literato de conceito, polemista audaz, panfletário vermelho, correndo da sua pena pus e ódio nas páginas das “Pontas de Fogo”, cometeu, por onde passou no Rio Grande do Sul, uma série, não pequena, de desatinos... Processado e preso, em viagem da fronteira para Santa Maria, fugiu do trem em marcha... Ainda vive e está, hoje, recolhido a um manicômio aqui do Rio de Janeiro.

Tendo eu fixado residência, logo depois de formado, em Passo Fundo, as nossas velhas relações de amizade, tornaram-se cada vez maiores, e, em 1909, consegui, com o presidente do Estado, Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, a sua reintegração no cartório.

Era um funcionário inteligente, trabalhador e honesto, com ótima caligrafia, o que é raro nesta classe, como também na de médico: eu, no entanto, se não tenho uma bonita letra, escrevo bem legível.

Mais tarde, demitiu-se, para ser nomeado delegado de polícia.

Afonso era um dos meus companheiros de corridas de cavalo: o Ypiranga, que estava em minha coudelaria, pertencia-lhe. Em três anos, que me dediquei a esse esporte, corri 9 carreiras, das quais ganhei 8 e empatei 1. Pois bem, mesmo assim perdi dinheiro, e não pouco, porque as despesas eram enormes com 5 cavalos, compositor, peões, etc. e as paradas de jogo relativamente pequenas.

O meu amigo, de gênio alegre, era um dos homens a quem se pode dar o título de valente, o que, muitas vezes, largamente comprovou.

Gaúcho autêntico, montava a cavalo, a rigor: dei-lhe de presente, um lindo zaino ½ sangue, por nome Biguá.

Quando mocinho teve uma grande paixão por uma minha prima e, sendo repellido no seu amor, me declarou que morreria solteiro, o que de fato aconteceu.

Era um exímio jogador de bilhar e, naquela terra, não havia quem lhe ganhasse.

Uma vez, em viagem que fizemos ao Passo da Areia para ver os parreiros, notei que tossia muito e, a respeito lhe falei.

No dia seguinte, em consultório, o examinei: estava com tuberculose pulmonar, em período inicial.

Deve-se ou não prevenir o enfermo?

Esse assunto tem sido, por demais, debatido, e é aconselhável o aviso tão somente nos casos em começo.

Resolvi, com certo cuidado, preveni-lo para tratar-se, pois, fazendo medicação conveniente e regime necessário, ainda poderia salvar-se.

Saiu-me o trunfo às avessas: desprezou os meus conselhos e zangou-se seriamente. Não houve advertência da família e de outros que lhe servisse: afastou-se do seu amigo e do seu médico.

Lembro-me bem que, ao chegar, uma tarde, na copa do Clube Pinheiro Machado, encontrei-o a tomar chimarrão e imediatamente ofereceu um. Com delicadeza, sob o pretexto de haver, há pouco, tomado leite, não o aceitei. Foi esse o motivo, porque cortou relações comigo.

Soube, por intermédio de Dario Machado da Silva, encarregado do serviço interno do Clube, que, ao me retirar, ele explodiu, furioso, em impropérios como este: “Este sujeito não quis tomar mate comigo, porque pensa que eu sou um tuberculoso. Está enganado. Ainda ei de apanhar laranja com a cancela dele”.

O seu mal progrediu rapidamente, tanto mais quanto atirou-se a uma vida desregrada, passando noites e noites no jogo, a tossir, escarrando sangue.

Comumente expectorava no chão, e zangava-se, de sério, quando lhe indicavam a escarradeira. O tuberculoso é, em geral, egoísta e mau: julgando não poder curar-se, procura espalhar o mal, e essa observação é antiga.

O seu único tratamento consistia em xarope Pautauger, creosoto em alta dose, e conhaque, para aliviar a tosse, como dizia.

Com semelhante regime, ia cada vez a pior. O seu estado, que causara-me imensa piedade, pois continuava a ser seu amigo, era já desesperador, quando, uma, madrugada, mandou me chamar.

Fui, eu próprio, testemunha dos seus últimos instantes, e, em esforço supremo assim falou:

- Você, meu amigo, vai perdoar a este feio moribundo. Não lhe quis acreditar, e agora vejo que tinha razão. Os seus conselhos eram só para o meu bem. Não me queira mal. Estou mal, muito mal, não aguento mais, não posso mais... Estava só a sua espera para morrer... E, como nunca mentiu, morreu numa golfada de angue.

Pobre Afonso!

Estava feio mesmo: de cabelo raspado, os tinha grandes e bem cuidados, o seu rosto era uma caveira, somente coberta de pele, com dois olhos no fundo das órbitas...

Estou convencido, e fortemente, saudoso amigo, de que, na terra, só deixaste um amigo verdadeiro: eu, e mais ninguém, e, até hoje, deploro e sinto o teu desaparecimento, e ainda vejo, no horizonte do passado, como preciosa relíquia, a silhueta galharda e garbosa do meu desventurado companheiro de passeios e de bailes...

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1935

123 UMA MULHER INFELIZ pg 19

Eu não participo da opinião de Talleyrand, que astuciosamente entendia ser a palavra um dom feito aos homens, não para a expressão de seus pensamentos, mas para ocultá-los. Em todas as “Notas” sem cuidar de estilo apurado, vazei meu pensamento em palavras claras, límpidas e sem rebuços, com a preocupação apenas da verdade na constatação dos fatos, alguns pilhéricos, outros tristes e outros escabrosos.

O de hoje, em qualquer das duas últimas categorias, pode ser incluído.

Ao principiar o ano de 1920, apareceu-me, em Passo Fundo, com carta de recomendação do ilustre amigo Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, então residente em Uruguaiana, o Sr. Procoro Coelho Velasquez, que com semelhante cartão de visita, digno de todo meu apreço, mereceu-me especial atenção.

Fácil me foi conseguir sua nomeação para oficial de justiça, por isso que, naqueles dias, abri-se uma vaga, e, no exercício desse cargo, conserva-se até hoje.

Procoro sempre foi, e continuará a ser, um dedicado companheiro político, e com serviços tais que o torna, pela sua altivez e independência, merecedor da minha estima, não só nos períodos de paz como no revolucionário de 1923, e principalmente no negro tempo ditatorial em que, apesar de constantes ameaças, juntou-se com brio, conservando-se fiel aos princípios que sempre defendeu, e aos homens a quem sempre apoiou. Não traiu a sua fé e a sua opinião, como tantos outros que vivem à sombra da histórica figueira, faltando-lhes tão somente a coragem de Judas Iscariotis.

Até nisso são miseráveis!

O recomendado do Dr. Sérgio é um ardoroso correligionário e não perde, em suas contínuas excursões, pelo interior do município, em função do ofício, a oportunidade de fazer a sua propaganda política.

É inteligente, vivo, audaz e conversa bastante e bem, tanto que alguns, como eu, às vezes o chamam, por brincadeira, de Dr. Procoro.

Este, mais ou menos em 1925, amigou-se com uma mocinha, alta e morena, a D. Maria, a quem desvirginou, passando a viver maritalmente com ela.

Não é, no rigor da expressão, o que se pode chamar uma mulher bonita; tem, no entanto, um conjunto apreciável e harmonioso.

Tem 3 filhos, um dos quais é meu afilhado, e se lhes decorriam os dias e os anos muito felizes, até que a fatalidade lhes bateu às portas, e, nesse caso, não adianta querer fugir ou tentar evitá-la.

Em 1927, ao fazer, na cidade, uma penhora, em pequena casa comercial, por ordem do juiz competente, foi agredido violentamente e teve que matar o bodegueiro, sendo despronunciado por legítima defesa.

Em Janeiro de 1932, atendendo, ao escurecer, a um seu vizinho, dentista, cuja casa fora invadida por inimigos seus, e que gritava, em desespero, por socorro, travou conflito com os assaltantes, ficando gravemente ferido, e matando dois daqueles indivíduos.

Foi uma reprodução das cenas do “Far Weste”, rapto, em automóvel, de uma senhora casada, de acordo com ela e pelos seus próprios irmãos acapangados, que amordaçaram e feriram ao cunhado, fugindo, em seguida, depois de cerrado tiroteio, em direção à Soledade, onde enterraram os seus mortos: um negro e um irmão.

Por esse motivo, hospitalizou-se por mais de um ano, e submeteu-se a melindrosas intervenções cirúrgicas.

Quando eu estava no exílio, em 1933, na Argentina, foi acometido de moléstia pleuro pulmonar, que, novamente, o levou ao Hospital de Caridade, onde permaneceu cerca de quatro meses, tendo estado entre a vida e a morte.

Entre os seus amigos, que desvelavam-se, com dedicação, à sua cabeceira, estava o “Cato”, seu colega de profissão.

Em uma noite, de boa melhora, já às 2 horas, o doente pediu à mulher que fosse para casa dormir e cuidar das crianças, por isso que ele ia passar bem. Cato ofereceu-se então para conduzi-la em seu carro particular e, só a instâncias de Procoro, ela aceitou.

Ao chegarem, o moço pediu um copo de água e, ao servi-lo, foi de inopino, abraçada e beijada por ele. Repeliu-o com energia, disse-lhe alguns desaforos e correu para o interior, onde, a chorar, amanheceu.

Toda a cena foi vista por uma vizinha bisbilhoteira, que se acordara com o barulho do carro.

No dia imediato, o enfermo teve o seu maior transe, chegando mesmo a ser desenganado. Nessas circunstâncias, a infeliz nada quis comunicar ao amigo, pois seria fazê-lo piorar ainda mais. Conteve-se, guardou a sua amargura, sofreu calada a afronta, apesar da sua indignação: a sua nobreza de alma foi grande, assim como grande foi também a elevação de seu caráter.

Com o restabelecimento, continuou com o segredo, receando um desfecho fatal entre aqueles homens, ambos geniosos e valentes.

O atrevido sedutor nunca mais a molestou.

O caso parecia ter tido o seu ponto final, mas a vizinha, no entanto, deu de língua, e, passados muitos meses, o fato foi ao conhecimento do maior interessado.

O homem desesperou, perdeu o equilíbrio normal e teve um gesto de loucura: inquiriu a companheira, que tudo lhe expôs, com calma e verdade, e deu-lhe uma tremenda surra de chicote, atando-a, pelos braços e pernas, de pé, durante horas, no interior da garagem. Ao cair da noite, D. Maria, apesar de exausta, na mais justa das revoltas, recriminou o seu algoz.

Este, não mais homem, mas fera, não satisfeito, fez-la, amarrada, embarcar no próprio auto, levando-a para um mato, distante meia légua da cidade. Ai, atada a uma árvore, repetiu a dose do relho, esmurrando-a, pelo rosto e pelo tórax, à vontade.

Queria, exigia uma confissão, que a mísera não poderia, de modo algum, fazer, porque era uma vítima e uma inocente. Nesse miserável estado, trouxe-a para casa de um outro oficial de justiça, por nome Bernardino, a cuja mulher entregou aquela ruinaria.

Como seu estado se agravasse, fui chamado para atendê-la: era um montão de carnes machucadas, extensas e negras equimoses cobriam-lhe o corpo, todo edemaciado, os lábios e pálpebras enormemente inchados, os olhos eram uma poça de sangue, a cabeça fraturada, grande contusão no fígado, aumentado de volume e extremamente doloroso, vômitos, febre, pulso pequeno... Enfim num quadro grave, além de medonho e incrível.

Contou-me toda a sua tragédia; implorou a minha proteção; tinha medo das garras do malvado.

Por maior caiporismo estava grávida, e o aborto não se fez esperar.

Mandei-a conduzir para a maternidade da Dr^a Nathalia Bonella, onde operei-a: teve uma tão grande hemorragia uterina que, se não fosse atendida com a presteza necessária, teria certamente morrido.

Conferenciei com Procoro, e, com a maior energia, o acusei pela sua selvageria, pelo seu banditismo, e durante mais de uma hora, ouviu calado todas as minhas recriminações, por vezes, ásperas e grosseiras, como se faziam precisas.

De cabeça baixa, não me disse uma só palavra, e chorou muito.

Custei a vencer a sua obstinação: depois falou... estava agitado, inquieto e a incerteza o atormentava.

O amor fê-lo perder o senso comum, e confessou o seu erro, arrependido, acreditando, afinal, na honra da mãe de seus filhos, e, na presença desta e de Dr^a Nathalia, fi-lo pedir perdão e jurar pela sua honra que, em hipótese nenhuma, nunca mais tocaria nem sequer num fio de cabelo de D. Maria, a quem continuaria dispensar o mesmo amor e carinho.

A pobre mulher teve que se submeter: ama doidamente aos filhinhos e não tem, na vida, nem um irmão para protegê-la.

Quando saí de Passo Fundo, em maio deste ano, para aqui, ainda a deixei na maternidade em tratamento; dela não tive mais notícias... Coitada! Para aumentar toda a sua desgraça, toda a sua correia de martírio, apresenta no colo do útero, cofre do seu malfadado amor, uma úlcera de aspecto não benigno.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1935

124 PINGA É O QUE LHE FALTA pg. 30

Atendi numa certa tarde do verão de 1907, a uma senhora de cerca de 50 anos, atacada, de momento para outro, de delírio quase furioso.

Entre as pessoas que estavam no quarto, encontrei os senhores Guilherme Morsch e Antonio José da Silva Loureiro, o Barãozinho, ambos casados com irmãs de minha avó.

Eram os dois velhinhos, de mais de 70 anos cada um, íntimos amigos, mas viviam se contrariando.

Do Barãozinho, várias vezes, nessas “Notas” já me tenho referido, e procurado traçar o seu perfil digno.

De Guilherme Morsch, cuja integridade e honradez, poderiam servir de modelo, era, como seu concunhado, respeitável, sob todos os prismas. Tinha método, e rigoroso, em tudo, até mesmo em coisas de menor importância.

Apaixonado pelo estudo da astronomia, quando do aparecimento do majestoso e notável cometa Halley, passara as noites na rua, em frente de sua casa, até alta madrugada, de binóculo em punho, fazendo interessantes observações, que publicou no “O Gaúcho”, em sucessivos e apreciados artigos e, em sequência, teve uma pneumonia, que quase o vitimou.

Tio Guilherme era considerado o consultor meteorológico da família e, por isso, foi certa vez, o tio Antonio, que pretendia fazer uma pequena viagem a cavalo, ouvi-lo sobre o estado do tempo, ligeiramente ameaçador.

Honrado com a distinção da consulta, examinou cuidadosamente os seus diversos barômetros, e afirmou que não choveria. Foi uma das poucas vezes que errou, pois caiu uma brutal tempestade de chuva e de pedras e, por tal, depois de acalorada discussão, cortaram, por meses, as relações.

Sobre a enferma, conversaram e discutiam os dois, por ocasião da minha chegada.

“Mano” Guilherme, pois assim se tratavam todo formalizado, declarou-me pensar em um caso de tétano ou de ataque cardíaco, pronunciando esta palavra como paroxítona, isto é com o acento agudo na penúltima sílaba.

“Mano” Antonio, por trás dele, sorrindo no gozo de nova vitória na questão suscitada e já, entre ambos, azedada, assegurava, de modo categórico:

- Não é nada disso; pinga é o que lhe falta...

De momento, não compreendi essa história de pinga.

O primeiro diagnóstico estava errado; o outro, certo, certíssimo, pois estávamos na presença de antiga e inveterada ébria, a quem haviam tirado de soco, como se diz, o álcool, e a sua falta brusca e violenta produziu-lhe aquela perturbação delirante, que pode ir até à loucura.

“Pinga é o que lhe falta” e, por isso mandei fornecer-lhe alguns bons tragos do líquido que passarinho não bebe, e, pouco a pouco, foi voltando ao seu estado normal.

O álcool, como a morfina e outros tóxicos, não podem ser, daquela maneira, suprimidos: o desábito tem que ser lento e gradativo.

Ao me retirar, tive que trazer, em minha companhia, o “mano” Antonio, pois que o “mano” Guilherme estava querendo pelear, mas, poucos dias passados, vi-os, de novo, juntos em amistosa palestra...

Turra de velhos...

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1935.

125 SUPERIOR ÀS PRÓPRIAS FORÇAS pg. 34

Tenho, em Passo Fundo, uma prima-irmã casada, que, nos primeiros anos de seu matrimônio, vivia por ciúmes ou qualquer coisa de menor importância, brigando com o marido, de gênio muito alegre e brincalhão.

Não rara era a semana, em que ia atendê-la por um desses banais ataques hísticos, que cediam com relativa facilidade.

O esposo vivia irritado com esse estado de nervos, e eu já cansado de apreciar aquelas tempestades em copos de água.

De uma feita, percebendo que a simulação entrava muito em jogo, aconselhei-o que, na primeira ocasião oportuna, pusesse em prática um estratagema: realizar a cópula, quando ela estivesse assim, pois me parecia ser um tratamento útil, barato e bom.

De fato, decorridos alguns dias, referiu-me que a mulherzinha, do meio para o fim, acabava com o chique, entre os mais ternos abraços e quentes beijos, passando o dia alegre, satisfeita e cantando.

Três meses depois, entrou-me pelo consultório adentro, e, na nossa intimidade, de chapéu na cabeça, foi logo, desesperado, me dizendo:

- O teu conselho não me serve mais, ando exausto; não posso; preciso outro remédio; isso é demais...

- Mas por quê? Que houve? Perguntei-lhe.

- Por um motivo muito simples: agora ela deu em ter 4, 5 e até 6 ataques por dia, e quer o remédio todas as vezes... Eu não aguento mais... Quase já não me posso por de pé, ando com as pernas bambas, vendo estrelinhas... E caiu numa cadeira, pálido, desfigurado, suando e de negras e fundas olheiras... Parecia um cadáver.

De fato, a medicação era heróica e produzia efeito seguro, mas o diabo é que ela queria tomá-la de 2 em 2 horas... E essa exigência era superior às próprias forças do jovem e forte enfermeiro.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1935.

Raphael Trindade é um velho amigo que tenho, e mora, em sua fazendola, nas proximidades da estação de Coxilha.

É um caboclo bom, grialhão ao conversar, mas muito atrasado, tanto que foi uma dificuldade para qualificá-lo eleitor.

Viúvo, com 17 filhos, casou-se segunda vez e, por este motivo, deu uma esplêndida festa, nesse dia, por brincadeira, pesamos a nova consorte: 120 quilos!

Desse matrimônio não há filhos, apenas dois abortos, no período dos quais se agravou muito a sua antiga cólica hepática.

Sou o médico de Raphael há muitos anos, e devo dizer que é o cliente que maior número de presentes me tem dado, mas todos, em verdade, de pouco valor: leitões, ovelhas, perus, galinhas, queijos, erva-mate, cuia, linguiças e, certa vez, uma vaca com cria.

A sua palestra é interessante pela originalidade dos seus termos e exagero das suas atrapalhadas comparações e, como exemplo, uma vez me procurou muito aborrecido com o intendente de então, por motivo da abertura de uma estrada pelos seus campos, com o que não estava de acordo.

- O “seu” Oscar não me liga importância; preciso da sua intervenção.

- Mas quem é esse Oscar? Inquiri curioso.

- Ora, então o Sr. não conhece o “seu” Oscar Pelin!

Queria referir-se ao Scarpellini.

Numa manhã de inverno, chuvosa e fria, depois de uma consulta, travou comigo, já ao despedir-se, o seguinte esquisito diálogo:

- Dr., como vai a primavera?

Espantado, sem saber ao que se referia, com um ligeiro sorriso:

- Deve ir bem...

- Não a quebrou ainda? Insistia.
- Mas quebrou o que?
- A cuia que lhe dei.
- Mas que tem a cuia com a primavera?
- Pois primavera é o nome dela...

Não pude conter uma estrepitosa gargalhada.

- Você é formidável, Raphael; você é um colosso... E lá se tocou, sob uma temperatura abaixo de 0 (zero), para a farmácia, trotando no seu tostado, e eu fiquei parafusando e repetindo maquinalmente: cuia... Primavera... Primavera... Cuia.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1935.

127 GATO PRETO pg. 39

Memórias

Gato Preto

Este texto foi suprimido do livro de memórias.

128 MANCHAS SOLARES pg. 42

Li, há poucos dias, no “Correio da Manhã”, de 29 de Agosto, um telegrama de Paris, em que o Dr. Maurice Faure, diretor do Instituto de Estudos Solares, consagrando-se as pesquisas, no observatório instalado em Mont-Gros, sobre se influirão as manchas solares nos acontecimentos infelizes, declara: “Estamos ainda em um período de vacilações, mas já conseguimos proceder a verificações eminentemente probatórias. Cada vez que o nosso observatório assinala uma mancha no sol, registramos a ocorrência de uma série de fatos por vezes

inexplicáveis, catástrofes ferroviárias, numerosos acidentes, mortes súbitas e outros”.

Relembra o despacho telegráfico que, por ocasião da última passagem de manchas de grande intensidade, ocorreram numerosos desastres, entre os quais cita: o incêndio da exposição de rádio e o desmoronamento no metropolitano de Berlim; suicídios inexplicáveis, como o de um habitante de Avinhão, que se matara para não sobreviver à morte de um cavalo; crimes por motivos fúteis como o de um indivíduo que assassinara o irmão em consequência de uma alteração sobre o melhor modo de abrir uma garrafa de champanhe; a morte da campeã britânica de xadrez, colhida por uma hélice de avião, num instante de descuido e muitos outros fatos.

Não deixa de ser interessante e audaciosa a teoria de Maurice Faure, e, quando a li, na parte referente ao homem e cavalo de Avinhão, veio-me a memória um caso de suicídio, por motivo tão estúpido e tão banal, passado há muitos anos, e, de certo, o sol, naquele dia, apresentava alguma profunda mancha...

Achilles Loureiro de Souza, farmacêutico prático em Carazinho, casado, com menos de 30 anos de idade, e com dois filhos bem pequenos, recebeu de sua família, residente em Bagé, um telegrama, comunicando que uma sua irmã estava, em estado grave, com febre tifóide.

Foi o que bastou: fez uma solução com 10 gramas, repito 10 gramas de sublimado corrosivo, e bebeu-a de uma só vez!

A morte não se fez esperar, e, quando cheguei, nada mais fiz do que constatá-la.

Nesse dia, deram-lhe um banho: o último e um dos poucos que tomou...

Sua irmã salvou-se e, ao que me consta, ainda vive na linda cidade da fronteira.

Esse Achilles sempre foi um original, e dele ainda se contam espirituosas anedotas, mormente em referência a sua pouca ou nenhuma higiene pessoal, que cheguei ao ponto de receber enérgicas reclamações de seus vizinhos de quarto, no hotel em que morava, quando solteiro, o que não vem ao caso registrar aqui, com pormenores.

No seu acanhado estabelecimento comercial, havia uma grande tabuleta, que ocupava toda a frente superior do prédio, com esta esquisita inscrição em letras enormes: Farmacêutico Achilles, com o curso de preparatórios...

Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1935.

129 CACHORRADA pg. 46

De 1924 a 1932, teve, em Passo Fundo, um amigo íntimo e dedicado correligionário, o engenheiro civil Dr. Leopoldo Villanova.

Quando da gloriosa cruzada de São Paulo, a arrancada de 9 de Julho, pela reconstitucionalização do País e contra os desmandos do governo ditatorial de Getúlio Vargas por este Brasil afora, “deserto de homens e de idéias” na frase cruel de Oswaldo Aranha, “pars-magna” da humilhação imposta principalmente ao grande Estado, nos separamos em política, por isso que acompanhou o general Flores da Cunha na sua imperdoável felonía ao seu “amado chefe” Dr. Borges de Medeiros, com quem continuei, e continuo, cada vez mais solidário.

A nossa amizade particular sofreu um grande abalo, e não poderia ser por menos, visto como comandou um “corpo” provisório, o 9º, contra o heróico estado bandeirante, mas “malgré tout” o fio das nossas relações pessoais não se cortou.

Espírito alegre, de concepção rápida e inteligente, é um profissional de reconhecida competência, e o seu curso acadêmico foi brilhante. É, no entanto, um pouco descuidado no seu modo de falar, e tanto é assim que quem com ele trata, pela primeira vez, não julga de estar à frente de um engenheiro ilustre: exerceu o cargo de chefe da Comissão Discriminadora de Terras e, mais tarde, o de engenheiro municipal.

Vou contar dele quatro casos, que assisti, e todos sobre cachorros.

1º) Em 20 de Setembro de 1930, tendo adoecido gravemente, em Água Santa, a esposa do Cel. Marcos Bandeira, tive que ir atendê-la, viajando em minha companhia o Dr. Villanova, compadre de Marcos. Antes da partida, almoçamos

juntos, no Hotel Internacional, e, ao lado da nossa mesa, fazia sua refeição um cidadão desconhecido, cujas exigências e protestos eram proferidos em voz alta, reclamando, sem cessar, sobre tudo e todas as coisas: exigiu um outro guardanapo, pois o seu não estava bem passado; pediu outro pão sob o pretexto de que o seu estava sujo; reclamou sobre os pratos, talheres, copos, e a sua irritação visível vinha, por sua vez, molestando aos outros. O pobre “garçon” já andava tonto e receoso e, ao servir-lhe sopa, só porque não o fez em primeiro lugar, recebeu uma tremenda descompostura e, quanto mais se desculpava, maiores eram as ofensas.

Nesse momento, o Dr. Villanova, não se contendo, gritou para o criado: “Moço, não se incomode mais com esse idiota... cachorro quanto mais magro mais pulga...” Reboou uma geral gargalhada, e o neurastênico, mastigando pão e algumas palavras de estupidez, todo vermelho e furioso, retirou-se imediatamente do salão, e assim podemos terminar tranquilos o almoço.

2º) Em viagem, de vez em quando, em cada casa porque passávamos, surgiam cães, latindo e perseguindo o auto, que chegou a matar um deles.

Fiz-lhe, por isso, ver que esses animais não eram tão inteligentes, como se dizia, e deu-me logo esta interessante resposta: “Inteligentes eles são, Dr., o que não tem é juízo, exatamente como era o Silveira Martins Leão” e a sua observação era perfeita.

3º) À noite, como de costume no interior, reunimo-nos ao redor do fogo, no galpão. A conversa versou sobre vários temas, até que recaiu sobre mulheres, e cada qual narrava um caso ou bordava um comentário picante. “Nesse assunto, disse eu, o que posso garantir a vocês é que estou retirado, e por dois motivos: pela hora crepuscular da minha existência e pela posição social que ocupo” ao que, incontinenti, retrucou aquele: “Eu não acredito nisso, Dr., e desculpe-me a comparação: cachorro acostumado a comer carne de ovelha, só perde o vício quando morre”.

Chamei a sua atenção para a coincidência das três comparações sobre o mesmo assunto, perguntando se não tinha mais outra a referir.

4º) - Tenho, sim, e conto já, antes de dormirmos: o Dr. Nicolau Crestaldi requereu, em juízo, algo sobre umas terras habitadas por patrícios nossos, para legitimá-las a um italiano.

Os autos vieram-me para a respectiva informação, na qual, contrária aos interesses do esperto advogado, escrevi algumas palavras, em sentido geral, sobre essa quase indústria profissional de quem não tinha clientela ou faltava escrúpulo. O homenzinho danou-se e chamou-me à responsabilidade para declarar se aqueles conceitos se entendiam diretamente com ele ou não, e no protocolo das audiências consignei, entre outras considerações, o meu depoimento negativo, mais ou menos nestes termos: não me referi a ninguém, não visei diretamente a ninguém, falei em sentido genérico, mas quando se atira uma pedra num grupo de cachorros, só grita aquele a quem a pedra acertou... e agora, entenda como quiser.

- Era quase meia noite e fomos dormir: sonhei então que estava em Passo Fundo, perseguido por umas dezenas de cães, que latiam, de longe, à minha passagem, babando de raiva e procurando morder-me os calcanhares, o que nunca conseguiram, e, interessante, quase todos eles tinham cara de gente e eu os conhecia bem, porque já lhes havia dado, quando magros e esfomeados, alguns pedaços de succulenta carne, ou curado bicheiras de uns, lepra de outros ou sarna ainda de outros.

“Nenhum sonho, declara Sigmund Freud, é inteiramente absurdo; cada um, na qualidade de ato psíquico completo, possui um sentido exato”. Cachorrada!...

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1935.

130 SEM RECEITA pg. 53

O Sr. Argymiro de Quadros, distinto fazendeiro, meu amigo e companheiro de escola primária, deixou, durante muito tempo, de ser meu cliente, e por quê?

Por um motivo muito simples: porque era sadio e não lhe receitei.

Logo depois de formado, procurou-me para uma consulta, em 1906, pois se julgava atacado de grave moléstia de coração, sob sombria ameaça de morte, em consequência do que procedi a atento e minucioso exame, terminando por assegurar-lhe a maior normalidade do seu aparelho circulatório: não havia o menor distúrbio; pulso ótimo, equilíbrio perfeito e harmônico, em ação conjunta e antagônica dos nervos acelerador e moderador, isto é simpático e pneumogástrico; nem sequer tinha palpitações, falta de ar, estado angustioso, etc que poderiam justificar uma neurose cardíaca, mas apenas medo, só medo e, segundo Löbel “o medo das enfermidades leva muitas vezes a enfermidade do medo”.

Insistiu na sua desconfiança, no seu estado de pavor, no receio da morte e na gravidade de seu mal.

Procurei demonstrar-lhe, como melhor pude, que tudo isso não passava de uma simples desconfiança sua, que magnífica era a sua saúde, e tanto estava convencido dessa verdade, que não lhe receitara medicamento algum.

Saiu dali, indignado comigo, dizendo ainda que eu lhe legara tão pouca importância, que nem sequer lhe receitava.

Soube que, em seguida, procurou a um charlatão, que confirmou o seu modo de pensar, em estúpido diagnóstico, asseverando-lhe, no entanto com toda garantia, curá-lo com sua fórmula maravilhosa, com a condição de vir tomar o remédio, todo um mês, duas vezes por dia, na própria farmácia, pois desejava conservar o segredo da combinação terapêutica. As melhoras foram rápidas, curado no tempo prefixo e tornou-se incansável propagandista do “colega”, a quem, de bom grado, pagou vultosa quantia.

Por um empregado vim, decorridos anos, ter conhecimento do preparado: 1 gota de tintura de strophanthus, em meio copo de água, cada vez!

Procedi de acordo com a minha convicção, mas creio que, praticamente errei um pouco, por isso que, se fosse mais macio e satisfizesse a vontade do doente com qualquer fórmula, teria praticado uma “grande cura” e não perderia o cliente.

Essa ocorrência, passada há 29 anos, serviu-me de esplêndida lição, de que nunca mais me esqueci e da qual tenho auferido ótimos resultados.

A receita, por mais simples e anódina que seja, é necessária...

Lá em Passo Fundo, gordo, corado e forte, continuará o meu amigo Argymiro a viver.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1935.

131 ATÉ O PADRE!... pg. 56

Gervazio Lucas Annes e Jesuino Bordallo, íntimos amigos, ambos, em 1903, viúvos, amigaram-se, respectivamente, com as raparigas Izolina e Chica, com as quais viviam de modo escandaloso.

O último teve necessidade de fazer uma viagem, de negócios a Porto Alegre e Pelotas e, em seu regresso, o primeiro procurou-o, fazendo-lhe ver e sentir o péssimo procedimento de sua amante e, ao despedir-se, teve estas irônicas e ferinas palavras: “só escaparam dois homens, eu e o padre”.

De fato, Chica caía em uma tremenda pandega, e Jesuino abandonou-a, ficando com duas ou três filhas em seu poder, não se esquecendo, porém, da cruel malícia do amigo.

Decorrido algum tempo, este passou, em Porto Alegre, dois meses, como deputado à Assembléia dos Representantes, e, por sua vez, a amante entregou-se a mais desbragada farra, que chegou a marcar época na então pequena cidade.

Na sua volta, Jesuino contou-lhe toda a verdade, com pormenores e, ao retirar-se, todo malicioso, no gozo de um prazer satânico: “Olhe, Gervazio, desta vez, só escapou o Jesuino... até o padre!

Gervazio, imediatamente, mandou Izolina para Cruz Alta e, desde aí, não perdoando o revide de vingança do seu companheiro de aventuras amorosas, procurou hostilizá-lo, exercendo como chefe político e advogado, sobre ele, uma

série de pequenas e grandes perseguições, que muito prejudicaram ao velho comerciante, que morreu desprestigiado e paupérrimo.

Não me furto à satisfação de relatar que, pouco antes desses acontecimentos, por motivo do aniversário de Gervazio, o mesmo seu correligionário foi visitá-lo à noite, e, na volta, cerca de 11 horas, foi, em plena rua mal iluminada, agredido e espancado violentamente por indivíduos, a mando do General Firmino de Paula, como mais tarde bem se soube, e o ferido, já em casa, curtindo dores, repetia, com muito chiste, a todos que lhe visitavam: “Pode, Gervazio fazer quantos anos quiser, mas quem não vai mais lá é o Jesuino”.

Como se observa desses dois fatos, o homenzinho era bastante espirituoso e engraçado, até no seu próprio físico: de pequena estatura, gordo, barrigudo e completamente calvo. A sua careca, a maior que já vi, semelhava-se a uma grande bola de bilhar.

Velho conhecido e bom amigo meu, em 1908, passava por sua casa de negócio, quando resolveu fazer-me uma consulta, dessas que, comumente, se fazem no meio da rua.

- Dr., explique-me uma coisa: por que é que eu não gosto de mandioca?

A sua esquisita pergunta, só merecia uma resposta, a que dei.

- A razão é simples, e é a mesma porque pêssego quente do sol faz mal aos ferreiros, e não aos carpinteiros... E lá me fui, deixando-o a meditar na esquisita resposta.

Jesuino morreu de congestão cerebral, e na miséria.

Passei o atestado de óbito.

Deixou dois filhos legítimos: Magnus e Ercilia. Esta, muito mal casada, sofreu demais na sua curta existência, e, depois de formidável espancamento pelo seu desgraçado e bêbado marido, enlouqueceu, morrendo meses após, no Hospício de São Pedro.

Magnus ainda vive, mas também louco, e no mesmo estabelecimento.

Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1935.

Certo amigo meu, comerciante residente em município vizinho, vive há cerca de quatro anos, amigado com uma rapariga que, não sendo um tipo de beleza, apresenta, no entanto, um conjunto tão discreto de traços e de linhas esculturais, que a tornam uma silhueta harmoniosa, apreciável e atraente.

Ela, por amor ou por inteligência, procede com impecável correção; ele procura adivinhar-lhe os pensamentos, e assim, nesse ambiente de encantamento, passam felizes os dias.

No fundo desse azul surgiu, porém, inesperadamente, uma nuvem escura, ameaçadora de tempestade próxima. Logo depois, e isso em dezembro de 1934, apareceram-me no consultório.

A expressão daquele rosto, que tinha sempre nos lábios o esboço de um sorriso, agora fechado, com fundas olheiras, que pareciam feitas com carvão, denunciava o seu sofrimento moral, mas conservava na voz o timbre sereno, altivo e distinto, de quem não está mentindo, de quem, vítima das circunstâncias de momento, está inocente.

Tratava-se de um sério caso clínico, que, deste modo, me foi exposto.

Há mais ou menos dois meses, sentindo contínuas dores agudas no ânus e observando suas calças manchadas de pus, procurou a um médico que, depois do exame local e bacteriológico, fez um tremendo estardalhaço, sobre a moléstia: “você, menina, vai mal; se não se cuidar, já e já, apodrecerá em vida; você está com uma infecção blenorragica no ânus”. Apesar da rapariga protestar a sua virgindade, como dizia, nesse lugar, e mais de não ter nenhum corrimento vaginal, e ainda de seu amigo não estar enfermo, e, por último, afirmar a sua fidelidade e respeito ao amante, o diagnóstico foi mantido e iniciado o tratamento: pequena lavagem com solução de permanganato de potássio com seringa de borracha, uma por dia, em consultório.

No fim de um mês não havia a menor melhora; ao contrário, o mal se agravava.

Em casa a pressão era alta e fortes discussões foram travadas, entre lágrimas e desaforos mútuos, e a separação esteve eminente.

Queriam, finalmente, a minha opinião franca, sincera e decisiva, fosse qual fosse.

Antes de tudo, solicitei o resultado do exame de laboratório, que haviam feito, e disseram-me que o médico não lhes quisera entregar, apesar de reiterados pedidos, rasgando-o na sua presença.

Ao exame local, constatei o seguinte: a mucosa retal apenas ligeiramente irritada e congesta, e na margem externa do ânus um pequeno abscesso hemorroidário, já fistuloso. Do novo exame da secreção, controlado diretamente por mim, a presença de bacilos banais do pus, estafilococos e estreptococos, mas ausência completa dos diplococos de Neisser.

Externei-lhes então, com toda a segurança, o meu modo de pensar, inteiramente contrário ao do “ilustre” colega, que, a meu ver, errara crassamente ou, o que é pior, sem o menor escrúpulo, dera ao caso um tamanho tão grande e tão escandaloso, para melhor poder explorar o bolso do rico cliente.

Operei-a, em seguida, no Hospital de Caridade, larga abertura, curetagem, etc. e, em poucos dias, com algumas injeções de vacina anti-pyogena mista de Brusoluttini, teve alta, radicalmente curada, regressando, para sua residência, satisfeita e feliz, com a virgindade do seu ânus, de que tanto fazia questão e alarde, como ponto de honra, padrão do seu orgulho de hetaira elegante, e, ainda uma vez, me repetiu: “isso, Dr., só para os “gusanos”. De dentro para fora era natural função fisiológica, mas de fora para dentro, só o espéculo”...

Neste fim de narrativa, lembro-me que talvez fosse mais certa uma das epígrafes: tempestade em copo d'água, ou um cu atrapalhado.

Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1935.

Completaram-se, ontem, exatamente, dois meses, que comecei a rabiscar estas “Notas” e o tenho feito, aos poucos, sem falhar um só dia. O meu desejo era apenas escrever os primeiros cem casos que me viessem à memória, mas estes foram-se acumulando, e este já tem o número 133, de modo que não será de estranhar que atinjamos a 150, ou, quiçá, mais.

Isto posto, passemos adiante.

Em 1925, abriu seu consultório, em Passo fundo, o Dr. Wladimir José Bento, com quem desde a primeira palestra, pelas tolices e leviandades que proferiu, não me simpatizei, e o tempo se encarregou de bem justificar aquela péssima impressão, que ainda hoje perdura, até em toda a região serrana por onde passou, pela maneira indigna com que raptou a esposa do Sr. Matiotti, de São Bento, e a maneira mais indigna ainda com que abandonou a sua distinta consorte. Aquela feia e rica esta pobre e linda. Explorou aquele industrialista, obrigando-lhe a entrega de muitos contos de réis, e creio que vive, atualmente, na cidade de Pelotas, já empobrecido outra vez.

Estando esse tipo na Farmácia de São José, de meu filho Ruy, viu quando fui chamado, uma tarde, para a casa do meu velho e querido amigo José Maria Lima. Era um caso banal de nervosismo, pois bem, no dia imediato, compareceu ali, em meu nome, para continuar o tratamento. José Maria achou estranho o meu procedimento, mas, embora a contragosto, concordou. No fim de alguns dias, esperou-o à porta, e, asperamente, o despachou, procurando-me para dizer o porquê de sua atitude. Quando lhe assegurei da mentira de Wladimir, ficou ainda mais revoltado, e chegou mesmo, certa vez, a ameaçá-lo de umas taponas.

Esse simples caso já mostra o seu baixo caráter, e passemos ao principal.

Um dia, sua mulher legítima, adoeceu de um parto, e foram chamados os Doutores Dino Caneva e Rebello Horta, os quais, depois de 3 ou 4 aplicações de fórceps, aconselharam uma operação cesariana.

Nesse tempo, eu também não me dava com esses dois médicos.

Dado o alarme no seio da família, a mãe da parturiente exigiu a minha presença, e o marido, a do Dr. Frydberg.

Eu e este chegamos juntos à casa.

Exposto o caso, e examinada a senhora, manifestei vontade de aplicar o meu Tarnier, com o que os colegas discordaram por julgarem inútil e perigosa a tentativa.

Insisti assim:

- O mesmo motivo, que levou os senhores a fazerem 3 ou 4 aplicações, leva-me a fazer uma, e se não a fizer, retiro-me.

Concordaram afinal, no antegozo da minha derrota, o que bem compreendi, através dos seus olhares e sorrisos maliciosos.

Frydberg e eu nos preparamos para a intervenção, e Rebello Horta encarregou-se da anestesia.

A luta estava travada.

Com o maior cuidado, com toda a atenção, coloquei o aparelho, fazendo uma ótima pegada de cabeça. Solicitei ao colega que me auxiliava que se certificasse da aplicação, e iniciei a extração.

Ao primeiro esforço, senti perfeitamente que o feto cedia, e, pouco a pouco, o vim trazendo, até que saiu toda a cabeça e, em momentos depois, berrava um garotinho em cima da cama.

Por ocasião do meu trabalho, Wladimyr José Bento, caminhando de um lado para outro, repetia, cinicamente, muitas vezes, estas frases: “mãos benditas, mãos divinas, mãos de anjo” e sua sogra, não esperando que eu me lavasse, atirou-se-me aos braços, ficando toda suja de sangue.

Recordo-me que o Frydberg lembrou-me que faltava a extração da placenta, e eu, que estava vitorioso, cheio de glórias, todo ufano, esperando o momento oportuno para uma vingança, declarei-lhe, em alta voz, que esse serviço eu deixava para os outros dois médicos... e sai.

Agora, consigno mais uma canalhice: no primeiro jornal, o tal Bento, que só o era no nome, fez publicar um longo e expressivo agradecimento, com a citação nominal dos doutores Caneva, Rebello e Frydberg, com exclusão do meu nome, a quem nem de leve, se referiu: canalha!

É bem provável, quase certo, que no fundo negro do seu espírito, na trama escura de sua alma, já desejasse a morte da esposa, e eu, salvando-a, fiz-lhe um mal: mais uma vez, que grandessíssimo patife!

Para finalizar, refiro que, em certo tempo, em Carazinho, Wladimyr passou a viver, de modo escandaloso, com certo mocinho bonito, que, dengoso, faceiro e requebrado, o acompanhava por toda a parte... Uma pá de cal...

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1935.

134 AINDA HÁ DE SER MEU CHOFER pg. 71

Sonhei, esta noite, com Moreno Araújo e, nesta radiosa manhã de 13 de Setembro, escrevo algumas linhas, e com saudades, sobre ele.

13! Que coincidência!

Era o dia de seu aniversário natalício... Não me lembro, porém, de que mês.

O meu primo sempre lutou com a sorte, que lhe era adversa.

Quando conseguia ganhar algum dinheiro, deixava-o, desde logo, no pano verde das roletas.

Viveu sempre pobre, e com as maiores dificuldades.

Coloquei-o na Intendência Municipal, em 1920, com o ordenado mensal de 400\$000 N° e ainda, muitíssimas vezes, o supri, particularmente, de pequenas quantias que, somadas, iriam alto.

Paguei-lhe, uma vez, passagem de ida e volta a Ponta Grossa, para visitar os seus pais, enfermos.

Uma ocasião dirigiu-me um requerimento, pedindo aumento de ordenado, e “aguarde oportunidade” foi o despacho. Contava que eu lhe dera o “despacho do pinto” o que veio, sem demora, ao meu conhecimento. Estando só no gabinete, chamei-o para que me explicasse essa história. Procurou, por todos os meios, excusar-se, mas, diante de minha assistência, assim narrou: “as galinhas, reunidas em congresso, na terra, mandavam, ao céu, um pinto, com um requerimento a São Pedro, expondo a sua miserável e deprimente situação de terem um só orifício em certa parte do corpo, para todas as funções, quando, em geral, as fêmeas tem dois, o que bem ponderado pelo santo, mereceu dele a resolução de - aguarde oportunidade – O pinto, não satisfeito, solicitou mais amplos esclarecimentos: - Ora, você, seu pinto, diga para as galinhas, que elas têm razão, mas que tenham paciência, não tomando no cu, até que eu oportunamente resolva o assunto... e séculos e séculos já são decorridos, sem a menor modificação... e agora, Dr., quanto tempo eu tenho de esperar por essa oportunidade?”

Não deixa o conto de ser bem aplicado.

Fui médico de Moreno, e gratuitamente, todas as vezes que necessitou.

Protegi-o quanto pude, por isso que tinha pelo meu parente, por julgá-lo um infeliz, uma afeição de piedade toda especial, mas, um dia, porque não lhe satisfiz um impertinente pedido maior, mostrou-me os dentes, deixou de me cumprimentar e, em uma barbearia, rasgou ostensivamente o seu título de eleitor.

Decorrido algum tempo, estava eu à porta da farmácia, quando alguém me veio contar ter acabado de ouvir Moreno dizer, referindo-se à minha pessoa: “aquele desgraçado ainda há de ser meu chofer”.

Não liguei a menor importância à informação, mas meu filho Ruy zangou-se seriamente e queria, a todo transe, tirar-lhe uma satisfação imediata, o que não permiti.

Nessa mesma noite, o meu primo é recolhido ao Hospital de Caridade, em estado gravíssimo, e implorou que me chamassem. Era dos tais que só se lembram de Santa Bárbara e de São Jerônimo, quando tropeja e fuzila.

Sua esposa, em prantos, esteve, nesse sentido, em minha casa, e atendi-a.

Tratava-se de uma ruptura uretral, com enorme infiltração urinária.

Operei-o e, depois de um mês, em conflito quase que constante, com a morte, teve alta, quase curado, precisando, no entanto, mais tarde, de outra intervenção cirúrgica, para a cura radical.

Nunca lhe disse uma só palavra, a propósito do caso do chofer, para não o melindrar e, numa manhã em que pretendeu desculpar-se, não o deixei tratar do assunto.

Não seguiu os meus conselhos médicos; descuidando-se do seu estado de saúde, continuando na sua vida desregrada, e o resultado disso lhe foi funesto, por isso que, alguns meses mais tarde, numa violenta “reprise”, veio a falecer.

Pobre e desventurado compadre Moreno, que Deus se apodere de tua alma!

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1935.

135 SÚCIA DE VELHACOS pg. 76

Quando, depois da morte do Coronel Gervásio Lucas Annes, em 1917, uma “parcel of rascals” como o escocês Burns estigmatizara os lordes e os barões do tempo de Jayme V, pai de Maria Stuart, uma súcia de velhacos, repito, se apoderou da administração pública e da política de minha terra, coloquei-me com um grupo de destacados cidadãos dissidentes, à frente de um movimento de reivindicação das salutares praxes do regime republicano, e em 16 de Setembro de 1920, vencemos, em derrota decisiva e campal, aos nossos desleais adversários, em memorável pleito eleitoral.

Para essa luta, fundamos um jornal “A Voz da Serra”, cuja direção estive, brilhantemente, a cargo do Tenente João Baptista Osório de Carvalho.

Em 4 anos, tivemos 4 prélios eleitorais: o primeiro, em Novembro de 1917, levamos às urnas menos de 500 eleitores, e os adversários pouco mais de 1500; o segundo, em Fevereiro de 1918, nós com 800 e tantos, eles com 900 e poucos; o terceiro, em Maio do mesmo ano, vencemos: nós com 1400 e eles menos de

400 e o quarto, em 16 de Setembro de 1920, nós com pouco mais de 4000 e eles fugiram do campo de combate.

Os nossos inimigos agiam no escuro, de modo infame, cercados de conhecidos bandidos, e tentaram várias vezes, contra a minha vida, a do Dr. Antonio Bittencourt Azambuja e de outros.

Vou hoje relatar apenas uma.

Estava eu, na Praça Marechal Floriano, de palestra com alguns correligionários, dias depois do pleito de Fevereiro de 1918, quando fui chamado para uma conferência com o Dr. Mariano da Rocha que, de Santa Maria, viera para atender ao seu velho tio Major Candido Marques de Rocha, então juiz distrital, e que, semanas depois, vinha a falecer, em consequência de derrame purulento da pleura.

Naquele logradouro público, tomei um carro.

Passei pela intendência, ninho de malandros e de salafários, e pelo Clube Pinheiro Machado, transformado em arsenal de indivíduos suspeitos, sem classificação social e de tipos bandidos, mas o fiz sem prestar a devida atenção, e entrei na casa do Major Rocha, que poderia distar 100 metros do Clube, do outro lado da rua.

Consigno, de passagem, que no alto do edifício da municipalidade, o seu construtor levantara um grande busto de mulher, de rosto estúpido e carrancudo, mas o mais interessante e ridículo é que tinha umas tetas enormes, o que fizera o Sr. Antonio José da Silva Loureiro denominá-la, espirituosamente, “o símbolo da mamata”. Tomei posse em 15 de Novembro, e, a 16, mandei po-la, espetacularmente, abaixo... creio que ainda está num galpão da Intendência...

A conferência foi demorada e, passada cerca de uma hora, notei, sem muito ligar, que o colega, várias vezes, um tanto agitado, olhava para a rua, pelos vidros da janela.

Cumprida a missão, quis retirar-me, e o Dr. Mariano, de modo delicado e ainda mais nervoso, o que não deixei de estranhar, convidou-me para uma palestra

maior. Minutos após, ouvi desusado barulho à frente do prédio e, sem atender aos rogos feitos, sai imediatamente. Já estavam ali postados, a minha espera, cerca de 100 amigos meus, com o capitão Jovino da Silva Freitas, à frente.

Que tinha havido?

Que era aquilo?

Soube então do que se passara.

Haviam posto, no interior do Clube, alguns capangas armados, e, na frente, dois ou três, com o intuito de, à minha passagem, me provocarem. Era natural que reagisse, e então seria alvejado miseravelmente.

De fato, fizeram a provocação, mas com o barulho do carro e dos cavalos, de nada me apercebi. Falhado o primeiro plano, aguardavam a minha retirada. Um empregado subalterno de Intendência, João Luvis, conhecedor de toda a trama, e meu cliente, a quem vinha prestando gratuitamente relevantes serviços médicos, entrou escondido, pelos fundos, na casa onde me encontrava, avisando a família e pedindo que não me deixasse sair, pois seria assassinado.

O Sr. Saul Cezar, comerciante vizinho e hoje já falecido, avisou por telefone, ao Capitão Jovino, que veio ao meu auxílio, chegando, como já disse, com mais de 100 homens.

Quando pus o pé na rua, fecharam-se, em seguida, todos aqueles facínoras na sede daquela associação.

Nessa mesma tarde, fui avisado, em segredo, pela esposa de Julio Muller, hoje também já morto, e então tesoureiro da Intendência, e, portanto, um dos meus inimigos, que à noite, à propósito de um chamado médico urgente, eu seria assassinado, na esquina que da Avenida Brasil vai à Rua Moron, no lugar em que está atualmente a casa do Coronel Maximiliano de Almeida, em construção naquele tempo, e onde se esconderiam os assaltantes.

Em vista, porém, das providências tomadas e que, por eles, foram percebidas, faltou esse segundo golpe, tão do agrado e do caráter daquela gente, má e perversa, cínica e infame.

Súcia de velhacos... Maloca de bandidos.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1935

Vindo de Taquari, chegou a Passo Fundo, mais ou menos em 1923, ainda meninote, o Sr. Paulo Coutinho.

Por ser neto do íntegro Bento Rosa, de quem era amigo e admirador, pelas suas grandes virtudes pessoais e políticas, procurei, desde logo, auxiliá-lo, satisfazendo suas constantes solicitações.

Consegui-lhe um pequeno emprego na Intendência Municipal e, daí, um melhor na Viação Férrea e, dentro de alguns meses, subiu, pois é inteligente, de categoria, mas teve de deixá-lo por incompatibilidade com o seu ilustre cunhado, Dr. Arthur Souto Ribeiro, engenheiro residente e com quem procedeu muito mal.

Dinheiro em pequenas quantias, de que nunca tomei nota, forneci-lhe várias vezes, e, para casar-se, dei-lhe, no Banco da Província, uma fiança de alguns contos de réis.

Quando solteiro, fui o seu médico todas as ocasiões, e não poucas, que precisou, e ele mesmo, ouvindo-me falar dos PP da minha clínica, acrescentava o seu p: Paulo.

Foi nomeado, por indicação minha, escrivão de órfãos.

Depois do casamento, atendi-o e à esposa muitas vezes e, ao primeiro parto, cheguei a passar todo o dia, sem nenhuma necessidade, mas a insistência sua, em sua casa.

Sua filha, magrinha e fraquinha como eles, passou também a ser cliente diária, de nome Eulanka, eu a chamava, na intimidade, encrenca...

Tudo isso eu fazia, apenas por consideração e amizade, sem nunca ter auferido o menor lucro, nem o mais insignificante presente.

Consegui, mais tarde, a sua nomeação para Coletor Federal, de Carazinho, e, nesse ínterim, procedeu de modo nada digno com o seu colega de Passo Fundo, Sr. Oscar Cezar: tendo feito, particularmente, a venda do cartório de órfãos ao

Sr. Walter Klipper, por cinco contos de réis, prometeu dá-los a Oscar pela sua informação favorável à criação da Coletoria de Carazinho, e, de posse desta, negou-se a satisfazer o prévio compromisso.

Foi a segunda vez, que observei o seu péssimo caráter, falhando à sua palavra de honra empenhada.

No então 4º distrito de Passo Fundo, para onde se mudou, tive ensejo de ir atendê-lo e à sua família, como médico, e a minha custa, desde o transporte de automóvel.

Conhecia já os seus defeitos, mas era seu amigo e, por isso, procurava obscurecer o seu procedimento, tapando o sol com a peneira.

Em princípios de 1931, aparece-me, à meia noite, em minha casa: estava desesperado, e, antes de tudo, chorando como uma criança estabeleceu-me este terrível dilema: “ou o Senhor me salva, ou me suicido, porque nem sequer meios tenho para poder fugir”.

Dera, no carnaval que findara um desfalque de cinco contos na repartição federal e não tinha um vintém para repor, sendo que o inspetor fiscal chegara, pelo trem, daquela tarde.

Tive compaixão do seu estado miserável de abatimento.

Devido ao adiantado da hora, prometi dar-lhe aquele dinheiro na manhã seguinte, quando os bancos se abrissem. Na sua opinião, porém, já seria tarde, pois o início da inspeção estava marcado para as 9 horas, e assim não haveria mais tempo necessário para colocar no cofre a importância, desonestamente retirada.

No próprio auto em que viajava, fui ao gerente do Banco de Província, e consegui que este, do meu crédito em conta corrente, me entregasse aquela soma, e, com ela, lá se foi Paulo, sem ao menos me deixar um recibo, só legalizando essa situação cerca de um mês depois.

O fiscal achou tudo em ordem... o suicídio foi posto de lado... E salvei, por certo, uma alma do inferno.

Pois bem, com toda essa volumosa bagagem de benefícios recebidos, na questão política do município de Carazinho, foi aquele cara de fuinha, paladino da ingratidão, o meu maior inimigo, atacando-me em boletins e pela imprensa.

Colocou-se ao lado do Dr. Homero Guerra, de sólida e enorme fortuna, e que, a peso de dinheiro, pagando todos os compromissos de Paulo, vem mantendo a sua solidariedade.

Segundo me consta, já cobriu também alguns desfalques.

Esse indivíduo, por parentesco de sua mãe com a esposa do Dr. Borges de Medeiros, dizia-se na intimidade deste, a quem afirmava sempre a mais indefectível solidariedade e irrestrito apoio; e, por motivo da revolução de São Paulo, apoiou o General Flores de Cunha, atirando ao Dr. Borges as mais soezas injúrias, nas suas frequentes excursões pelo interior do novel município.

Paulo Coutinho é pequenino em tudo, mas o seu moral ainda é menor e mais feio que o seu físico.

Um tipo assim, de alma anfractuosa e cheia de abismos insondáveis, onde não podem ser revoltas as suas profundezas, observado e estudado por Stefan Zweig daria certamente, assunto a um magnífico livro.

Arquivo de maldades, frasquinho de veneno, ou como diria Coelho Cavalcante, polegada de patife, ou ainda, medicamente, estreptococos virulento... Cruzes, diabo!

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1935

137 SÓ ESCAPARAM AS CRIANCINHAS pg. 89

Numa noite hibernal, às 3 horas da madrugada, em 1919, fui chamado para atender a uma doente na casa de Dona Angelina de Felippo.

Esta, em prantos, me contou que sua filha Nena fora deflorada por Legendre das Chagas Pereira, casado com uma filha do Sr. Julio Magalhães e que, estando

grávida de três meses, fora, com cólicas, à latrina, em cujo buraco caíra o feto, e que ainda não havia expulsado a placenta, o que requeria a minha presença.

A viúva D. Angelina estava duplamente indignada, pela desonra da filha, e, principalmente, porque o seu autor, já há muito, era o seu amante.

Ela mesmo, perturbada, no auge do seu ódio, me disse: “esse cachorro que vivia comigo há mais de um ano, abusou da minha filha e, o que é pior, do meu amor”.

Ao regressar do quarto, depois de uma trabalhosa extração e sutura do períneo, chamando a inconsolável senhora, fiz-la ver que o feto não era de três meses, e sim de nove, e mais que não matasse a criança, pois percebi vagamente ser esse o seu intento, ou melhor a intenção de fazê-la desaparecer de qualquer maneira.

Como nem sequer choro tivesse ouvido e desconfiando da já consumação do crime, exige a presença da criança: era uma garota gorduchinha e corada.

Responsabilizei a infortunada viúva pela vida da netinha, e, já ao clarear do dia, retirei-me.

Legendre, em pouco tempo, abandonou a Nena, de medo da ex-amante, que prometera dar formidável escândalo, e porque o fato fora ao conhecimento de sua esposa, que não mais queria saber do marido.

A menina morreu com menos de um ano de idade, de infecção intestinal, e talvez fosse melhor assim.

A velha, lastimando o seu único passo em falso, retirou-se, arrependida e triste, mas talvez saudosa, ao recolhimento.

Nena prostituiu-se, e velha e feia, enrugada e de maus dentes, cuja boca parece um cemitério, lá vive hoje, em um casebre, amigada com um filho de Raphael Trindade.

Soube, mais tarde, haver Legendre também desvirginado uma criadinha da mesma casa, transformada em pequeno harém do ridículo sultão...

Só escaparam as criancinhas!...

Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1935

Toda ansiosa, apareceu-me, no consultório, em Dezembro de 1924, vinda do Campo do Meio, a viúva do “Dr.” Virgílio, com um menino, atacado de laringite diftérica.

Era um caso gravíssimo, e, mais uma vez, o tratamento específico, comprovou a sua eficácia.

Aquele “Dr.” Virgílio, assim conhecido, era um grande charlatão, que, à sombra da liberdade profissional, então existente no Rio Grande do Sul, exercia a medicina, e, por tal, ao cobrar uma conta meio a muque, pois era arbitrário e violento, foi assassinado.

Durante muitos anos desempenhou as funções de subintendente e de subdelegado de polícia do distrito, demonstrando, de sobejo aqueles predicados, nada recomendáveis.

Depois do restabelecimento, perguntei à senhora o nome do garoto.

- Centenário, chama-se.

- Mas por que lhe deu esse nome?

- Porque ele nasceu a 7 de Setembro de 1922, dia em que se comemorou o primeiro centenário da nossa independência.

A propósito de nomes esquisitos, lembro-me do negro Damião, que foi meu empregado e que, hoje, vive a esmolar pelas ruas de Passo Fundo, com uma hemiplegia de origem sífilítica.

Ao nascer-lhe o primogênito, pôs-lhe o nome de “Vilar de Além” só pela circunstância de muito gostar do vinho português, que tem esse nome, e eu, por brincadeira, aconselhei-o a que botasse no segundo o de Adriano Ramos Pinto.

No 3º distrito, existiu, ou ainda existe, um cidadão que se chama Petenkostes, por haver nascido em um dos domingos, que precedem à Paixão de Cristo.

Por ocasião de uma visita pastoral, à minha terra, o ilustre Bispo Dom Attico Euzébio da Rocha negou-se a crismar uma menina por nome “Libertina” e, a respeito, com a sua inteligência brilhante, com a sua palavra fácil e encantadora, orador de raça, pronunciou um lindo sermão.

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1935

139 ATÉ PARA MORRER pg. 95

O Sr. João Schell, homem digno e respeitável sob qualquer prisma, era meu tio avô.

Foi o velho mais faceiro e elegante que tenho conhecido, não dessa faceirice e elegância tolas e bobas, que tanto servem para atirar um homem de idade já avançada no ridículo das ruas, mas o era naturalmente, e, para isso, muito contribuindo o seu físico esbelto.

De estatura acima da mediana, de peso proporcional à altura, muito claro, olhos azuis, bastos cabelos alvos, bigodes e discreto cavanhaque, também de todo brancos.

De maneiras delicadas, sua voz, de tonalidade forte, auxiliava a impressão do conjunto.

Sempre muito limpo e bem trajado, era, quando, à cavalo, um perfeito tipo de gaúcho.

Gostava imenso de usar pala branco, e os tinha diversos, de seda alguns.

Raro o dia que não ia camperear em sua propriedade, próxima da cidade, e, poucos dias antes de falecer, com pouco mais de 80 anos, quando um seu peão errou um tiro de laço, ele o fez com verdadeira maestria.

O seu predileto animal de montaria era um rosilho, que criou, desde pequeno, na estrebaria, e que morreu velho, sempre com o nome de “rosilho”.

Assisti, como seu médico e amigo, a morte do tio João, em uma fria madrugada de inverno, creio que no ano de 1915.

Nos seus últimos momentos, chamou os seus dois sobrinhos Adão Schell e Dinarte Issler, e pediu-lhes que o ajudassem a levantar da cama. De pé, sereno e muito pálido, no meio do quarto, com os braços estendidos sobre os ombros dos dois amigos, olhou um instante para todos, e lentamente pronunciou as suas últimas palavras:

“Um homem, que viveu como eu, só pode morrer de pé”... E o seu corpo baqueou para sempre, voando sua alma, certamente, para o céu, por isso que foi um bom e um justo.

Velho faceiro e elegante até para morrer!

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1935

140 LÍNGUA SALGADA pg. 97

A chamado médico da família do Coronel Julio Cardozo, gravemente enfermo, para uma conferência com o Dr. Bruno de Campos, segui, de automóvel, em Maio de 1919, à Vila de Soledade, indo em minha companhia, até o Rossotti, mais ou menos metade do trajeto, o Sr. Ivo José Ferreira, meu prezado amigo e proprietário da Farmácia Serrana, e que, daí, a cavalo, seguiria para a fazenda de seu sogro, Manoel dos Santos, distante pouco mais de légua.

Resolvemos, à 1 hora da tarde, na casa de negócio daquele comerciante, fazer uma ligeira refeição, e combinamos, para maior comodidade nossa, não nos darmos a conhecer.

Não tinha mais comida, e, na bodega, só havia 1 lata de língua preparada Oderich, sardinhas, pão e vinho nacional zurrapa.

Setamo-nos à mesa, e a dona da casa, já madurona, gorducha e feia, começou, na sua curiosidade feminina, a conversar conosco.

Depois de indagar quem éramos, donde vínhamos, para onde íamos, que andávamos fazendo, sem receber, no entanto, resposta verdadeira, foi à loja, e de lá veio, logo depois, toda sorridente:

- Soube agora, por um freguês, que o Sr. é o Dr. Vergueiro. Eu ainda não tinha o prazer de conhecê-lo. Há dois meses fui à cidade à sua procura e o Sr. andava por Porto Alegre. Levei uma filhinha doente e morreu, no mesmo dia, da chegada. Foi assassinada, Dr., e quem a matou foi o tal farmacêutico Ivo Ferreira, a quem meu marido, na sua ausência, consultou.

- Está amarga esta língua, José, nome que dei ao Ivo.

E continuou:

- Aquele sujeito é um bandido; a minha filha só tomou uma dose do remédio, e morreu. Desgraçado, envenenou a criança.

- Mas, José, que tal achas a língua. Não te parece que tem muito sal e pimenta.

O Ivo, de cabeça baixa, ouvia a tremenda descompostura, calado e pálido, enquanto eu me ria à vontade.

E prosseguiu:

- Eu ainda ei de encontrar com esse criminoso, e sou capaz de arrebentar-lhe a cara.

- Mas, José, que língua danada!

Nesse momento, chega o marido e, reconhecendo-nos, chama pelos nossos verdadeiros nomes.

A mulher, espantada e estarrecida, quis fugir e não pode, caindo numa cadeira, e só depois de minutos, e de alguns goles de água, começou a escusar-se, quase chorando, e o fez como melhor pode apesar do bondoso Ivo afirmar-lhe que não precisava de tal, que estava, de todo, desculpada, etc. etc.

A pobre mulher, mais do que encabulada, não queria nos cobrar o almoço.

Quando nos despedimos, disse-me, já à porta do auto:

- O Sr. é um danado, Dr. A língua salgada e com pimenta, a que o Sr. se referia, não era a da lata, era a minha... Divertiu-se à minha custa...

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1935

141 ANEURISMA pg. 101

Quando em 1907, o Estado do Rio Grande do Sul, criou e organizou a Comissão Discriminadora de Terras, de Passo Fundo, entre outros muitos engenheiros, veio o agrônomo Ney Passos.

Solteiro, um tanto boêmio, de gênio muito alegre, era, no entanto, um profissional competente e caprichoso.

Sua mãe não o abandonava, dispensando-lhe sempre os maiores cuidados e os melhores conselhos, tanto mais quanto Ney gostava e abusava mesmo, por vezes, de bebidas alcoólicas.

Moravam em um pequeno hotel próximo à estação da estrada de ferro, e, ai, aquele adoeceu.

Estando, na cidade, o Dr. Bruno de Campos, de passagem para Soledade, onde residia, chamaram-no, para atender ao enfermo.

Depois de rápido e superficial exame, resolveu operá-lo imediatamente, de um abscesso do côncavo poplíteo, e, sem mais delongas, aprofundou o bisturi. Jorrou sangue, mais sangue e só sangue e, aí, tão somente, foi que o Dr. Bruno se convenceu do seu erro enorme, pois o caso era o de aneurisma da artéria poplíteia.

Sem perda de tempo, tamponou fortemente com gaze simples, flexionou o joelho o mais que pode, cobrindo-o de algodão e de ataduras apertadas, aconselhou repouso completo, e, pela madrugada, continuou a sua viagem.

Decorreram-se, nesse estado, três dias, no fim dos quais, entre terríveis padecimentos, manifestou-se gangrena do pé.

Chamado por sua carinhosa mãe, que já compreendia a gravidade do filho, único e querido, fiz-lhe ver da necessidade urgente da amputação da perna, em seu terço médio.

Quando tomávamos às presas as medidas precisas, e estava eu na Farmácia Serrana, preparando o material, Ney teve imperiosa vontade de evacuar e quis impertinentemente, levantar-se da cama, o que fez em gesto brusco.

Os amigos, que o cercavam, procuraram auxiliá-lo e ele, já com as ataduras frouxas, ao sentar-se no vaso, espichou a perna... Nova e formidável hemorragia e, em minutos, era cadáver, só me restando passar o atestado de óbito.

Aquela velhinha desolada “mater dolorosa” não quis processar o Dr. Bruno, e, aos que isso lhe aconselhava, só repetia:

- Não me adianta nada... o que eu queria, o que eu somente queria era a vida do meu pobre filho, e essa acabou-se para sempre... Deixem o Dr. Bruno em paz.

Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1935

142 LOUCURA GRAVÍDICA pg. 104

Acabo de ler nos jornais aqui do Rio, que, no dia 11 do corrente, deu entrada no Hospital de Pronto Socorro, em adiantado estado de gravidez, a Senhora Esmeralda Ribeiro da Costa, que, depois do parto, apresentou sinais de perturbação mental, e, no dia 16, burlando a vigilância das enfermeiras, acercando-se de uma das janelas que dão para a Praça da República, atirou-se à rua. Embora amparada por populares, sofreu a demente contusões e escoriações generalizadas.

Depois de medicada, foi a parturiente removida para o Hospício de Alienados, onde se encontra internada.

Na minha clínica, tive oportunidade de constatar dois casos de loucura gravídica; um, como este, depois da “delirance” e outro, durante a gravidez.

No primeiro, uma filha do Sr. Pedro Henrique, residente nas proximidades da cidade, casada e que tem três filhos: depois de todos os partos, em cujo período de gestação passa bem, perde a razão, comete os maiores desatinos, é internada no Hospital de São Pedro, em Porto Alegre e, passados aí alguns meses, volta ao seu estado normal.

No segundo, trata-se de uma filha de criação do Sr. Aristides Bastos, residente na Vila da Palmeira. Na primeira gravidez, já apresentou sintomas de perturbação mental, que agravaram-se dia a dia até o parto, tendo nascido morta, extraída a fórceps pelo médico Christiano Meyer, uma criança monstruosa, verdadeiro caso de teratologia.

A segunda gravidez decorreu em pleno delírio até ao fim, nascendo, no entanto, uma criança, em ótimas condições.

Logo depois de “delirance” a parturiente voltava ao seu estado de perfeita lucidez.

O terceiro caso foi tratado por mim e pelo Dr. Caneva: uma gravidez de dois para três meses, sob os maiores sofrimentos e as maiores torturas para todos, chegando a passar quinze dias mergulhados em profundo ataque, do qual saía para uma agitação furiosa. Vinda para Passo Fundo, aconselhei o esvaziamento imediato, o que, na maternidade de Dr^a Nathalia Bonella, foi, por nós, praticado. Pois bem, todo o negro quadro de loucura como, por encanto, desapareceu por completo, voltando-lhe a calma, a meiguice, o amor pelo marido e pelos parentes.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1934.

143 DISCURSO GUERRA DOS FARRAPOS pg. 107

Eis aqui, na íntegra, o discurso que pronunciei hoje, na Câmara dos Deputados, como representante da Frente Única do Rio Grande do Sul:

Senhor Presidente – No dia em que, nos meus pagos, se comemora, festivamente e patrioticamente, o 1º Centenário do início da Revolução Farroupilha, saio,

embora por momentos, da penumbra em que me tenho colocado, para, em nome dos representantes da Frente Única do meu Estado, homenagear os heróis do decênio, que a anestesia do tempo não fez esquecer e que marcaram, na época, uma das páginas mais brilhantes e mais expressivas da vida brasileira.

Não venho, por certo, descrever fatos dos grandes vultos da Guerra dos Farrapos, tão bem analisados pelos “microscopistas da história” na expressão qualificativa, perfeita e exata de João Neves, para os investigadores pertinazes, pacientes e cuidadosos.

Cada qual dos “ídolos a que a devoção cívica da alma gaúcha deu tons misteriosos, quase místicos” daria ensejo as mais amplas considerações, as mais vastas dissertações, por isso que a vida de cada um oferece os maiores e os melhores exemplos de dignidade e de bravura.

Bento Gonçalves da Silva, sol e centro da gloriosa cruzada e, no lapidar conceito de Pedro Calmon “alma e pulso, chefe e símbolo, paladino e modelo da grande insurreição de sua gente rude” encerra, explicando as razões do movimento, o seu notável manifesto de 25 de Setembro de 1835, d’est’arte: “a execração de nossos filhos cairá sobre nossas cinzas se, por nossa desmoralização e incúria, lhes transmitirmos este sagrado depósito desfalcado e corrompido, e as suas bênçãos nos acompanharão ao sepulcro se lhes deixarmos exemplos de virtudes e de patriotismo; - Antonio de Souza Netto, o proclamador da república riograndense nos campos de Seival, o mais bravo e destemido cavaleiro que Garibaldi viu e descreve em suas “Memórias”; - David Canabarro, que recusou o auxílio de Rosas, ditador de Buenos Aires, por este modo altivo: “Senhor, o primeiro de vossos soldados, que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratiny com os imperiais, pois acima de nosso amor à república está o nosso brio de brasileiros. Vossos homens se ousassem invadir nosso País, encontrariam, ombro a ombro, os republicanos de Piratiny e os monarquistas do Senhor Dom Pedro II; - João Antonio da Silveira, cuja lealdade tornou-se conhecida e proverbial, o mais alto expoente moral da revolução, não medindo sacrifício no cumprimento de honra de sua palavra empenhada; - João Manoel de Lima e Silva, galhardo e garboso militar, assassinado, em Agosto de

1837, nas proximidades de São Borja, e Bento Manoel Ribeiro, tais são os generais da epopéia titânica, cujos feitos memoráveis e inenarráveis correm, e cantam hoje, em todas as verdejantes coxilhas e ricos rincões da minha terra.

Ao movimento reivindicador, luta imponente e grandiosa de redivivos espartanos, associaram-se, em 1838, ébrios de liberdade, José Maria Garibaldi, conde Tito Lívio de Zambeccari e Luiz Rossetti.

A pena brilhante e serena de Othelo Rosa, ilustre membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a propósito da ação de Garibaldi, no comando da marinha revolucionária, assim, um dia, escreveu: “O seu cruzeiro é uma página autêntica de epopéia. Do nada, esse homem extraordinário faz tudo. O único elemento, de que dispunha realmente o nauta desassombrado, era a água: tudo o mais ele haveria de improvisar, à inspiração de uma vontade sobre-humana, temperada em aço. E ele improvisa os barcos, e ele improvisa os marinheiros, e aos marinheiros e aos barcos transmite num quase milagre de fascínio, a força incoercível de uma energia que não cansa, que não fraqueja, que não se quebra, que não se torce, que não desespera e que não perece nunca!”

Sob as ordens imediatas do “Condottieri”, foram construídos, nas margens silenciosas e sinuosas do Camaquã, os quatro Barcos Rio Pardo, Independência, Seival e Farroupilha, cuja travessia, por terra, em carretas de 3 pares de rodas, tiradas por 3 juntas de bois, da barra do Capivari a do Tramandaí, num percurso de cerca de 8 léguas, se realizou em 6 dias, e, na tarde de 13 de Julho de 1839, laçavam-se ao oceano, em demanda do porto de Laguna.

Quero agora, Senhor Presidente, deixar nos Anais da Câmara, como fotografia do valor e da vitamina de uma gente, o teor da carta dirigida, de Modena, em 10 de Setembro de 1859, por Garibaldi, a Domingos José de Almeida, natural do Estado de Minas Gerais, residente, desde 22 anos, na cidade de Pelotas, um dos baluartes farroupilhas, deputado à 1ª Assembléia Provincial e ministro do Interior da nova república.

Eis o interessante documento:

“Quando eu penso no Rio Grande do Sul, nessa bela e cara província, quando no acolhimento com que fui recebido no grêmio de suas famílias, onde fui considerado filho; quando me lembro de minhas primeiras campanhas entre vossos valorosos concidadãos e os sublimes exemplos de amor pátrio e abnegação que deles recebi, eu fico verdadeiramente comovido. E esse passado de minha vida se imprime em minha memória como alguma coisa de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico. Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria riograndense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vezes eu fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove anos, contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!

Não tenho escrito semelhante prodígio por falta de habilitações, porém a meus companheiros de armas, por mais de uma vez, tenho comemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na vitória, tanta hospitalidade quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentia na presença e na majestade de vossas florestas, da formosura de vossas campinas, dos viris e cavalleirescos exercícios de vossa juventude corajosa; e, repassando pela memória as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis anos de ativíssima guerra e de prática constante de ações magnânimas, como em delírio brado:

- Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro?

Quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado!

Que o Rio Grande do Sul ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam seus ossos, e que vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários de vossas glórias, é o que ardentemente desejo. Eu muito me lembro,

meu digno e caro amigo, da bondade generosa com que fui honrado por vós, no tempo em que tão dignamente ocupastes uma das pastas do ministério da república, e tenho verdadeira saudade, como gratidão dos benefícios recebidos de vós e de vossos companheiros e concidadãos na minha estada no Rio Grande.

“Por mim, abraçai a todos esses amigos e mandai, em toda a ocasião, ao vosso verdadeiro amigo José Garibaldi”.

É um depoimento que dispensa comentários e, por si só, plasma a bravura, atesta a fibra e espelha o caráter de um povo.

E nesta altura, Senhor Presidente, depois de render aos heróis de 35 a nossa homenagem, no momento em que relâmpagos azulados zigzegagueiam e cruzam, em todas as direções, o negro céu europeu, como prenúncio de grande tempestade, ameaçando a paz do continente, e quiçá do mundo; no instante em que o nosso País se debate nesse cipoal emaranhado de tremenda crise econômica e financeira, social e política; nesta hora em que as interrogações pairam no ar, dúvidas cruéis, amargas incertezas, em que não sabemos para onde vamos, e mesmo nem sequer exatamente onde estamos, é natural que elevemos os nossos olhos para o cimo do Corcovado, onde se ergue formidável a estátua do Filho de Deus, cujo nome invocamos no preâmbulo da Carta Magna, e que, num segundo de concentração espiritual, pairando acima das paixões que deturpam e dos ódios que cegam, em uma atmosfera de puro oxigênio, lhe imploramos, cheios de fé e de esperança, guiar o nosso querido Brasil na senda da ordem e do progresso, no caminho do trabalho e da prosperidade, na estrada do dever e da justiça, na trilha da honra e da paz.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1935

144 DENTES PRECOCES pg. 117

No dia 21 de Abril de 1932, fui chamado a atender uma criança, do sexo feminino, que nascera no dia anterior nesta cidade, à Avenida Brasil, número 1155. Uma linda menina, robusta, com peso de 3K e 800g e a primeira filha do

casal. Seus pais fortes: ele argentino, ela brasileira. Constatei que Maria de Lourdes, assim se chama, apresentava já bem rompidos, dois dentes: os incisivos médios inferiores.

E, a propósito, por simples curiosidade, rabiscando estas linhas, registro o seguinte: vários personagens ilustres nasceram com dentes: Guilherme Bigot, médico e filósofo francês do século XVI; Marcus Curius, célebre cônsul romano, apelidado o Dentatus; Luiz XIV, rei da França; Ricardo III, rei da Inglaterra; Mirabeau, o maior orador da revolução francesa; Cardeal Mazzarino, ministro da França; Cardeal Richilieu, um dos mais notáveis políticos franceses; a Rainha Valéria da Suécia e mais alguns.

Por curiosidade também, transladamos para aqui as frases de Shakespeare, atribuídas ao personagem de sua obra, El-rei Ricardo III, proferidas pela duquesa de York:

“Pode esse menino roer um pão com duas horas de nascido”, “Essa criança que teve os dentes antes dos olhos”, e por último “Dentes tinhas ao nascer, significando que vieste ao mundo para morder”.

Passo Fundo, 6 de Outubro de 1935.

145 DISCURSO A CEZAR MONTAGNA PG. 119

Em 19 de Dezembro de 1925, por ocasião da passagem por esta cidade, do embaixador italiano Julio Cezar Montagna, pronunciei o seguinte discurso, em um banquete que lhe ofereceu a municipalidade:

Senhor Embaixador - Por delegação do Senhor Intendente do Município de Passo Fundo, vou, em uma breve oração, saudar a vossa excelência, com quem já tive o prazer de travar relação desde a memorável visita de vossa excelência à Assembléia dos Representantes do Estado.

Discursos longos e brilhantes vêm vossa excelência ouvindo desde que nos deu a honra de pisar o solo sulriograndense... O meu não será longo, não será brilhante, mas será eu asseguro profundamente sincero.

Já teve o Sr. embaixador a oportunidade de, bem de perto, observar o alto grau de progresso dos laboriosos filhos da Itália e dos seus descendentes neste extremo sul do Brasil. A exposição levada a efeito em Porto Alegre é a máxima prova do que acabo de afirmar, e, como prometi ser sincero, devo declarar que esse certame, pelo seu brilhantismo, pelo seu valor e pela sua grandiosidade, excedeu à minha expectativa e talvez- por que não dizê-lo? - à expectativa geral. Ele é digno de figurar na Capital da República e na própria capital da grande pátria de vossa excelência.

Na excursão pelas colônias apreciou, por certo, o ilustre diplomata, que ora nos visita, a fonte de onde destila todo esse progresso, a origem de onde dimana todo esse desenvolvimento, a oficina e a forja de onde saem aos borbotões todos esses produtos, atestado de trabalho honrado, de labor proficuo e inteligente.

Italianos e riograndenses, filhos da mesma mãe latina, “irmãos na raça, na gentileza, na hombridade e na história” trabalham juntos nessa gleba, cooperando pelo engrandecimento, cada vez mais crescente, do Rio Grande do Sul, e assim procedendo nada mais fazem os filhos da gloriosa Itália do que cumprir um dever, correspondendo, d’est’arte, a quem os recebeu e os recebe de braços abertos nessa sua segunda Pátria, pois é a Pátria de seus filhos.

Se estamos entrelaçados aos italianos como elementos de valor incontestável na paz, também na guerra estamos ligados por laços de respeito, de saudades e de gratidão. Quero me referir às figuras extraordinariamente sugestivas, e caríssimas para nós riograndenses, de José Garibaldi, Livio Zambecario, Francisco Anzini, Luiz Rosetti e outros que, na organização da República de Piratini, se confraternizaram com os nossos heróicos Farrapos ao lado das legiões de Bento Gonçalves, Netto e Canabarro.

Sr. embaixador – Termino, levantando, em nome do município de Passo Fundo e no meu em particular, a minha taça em honra de vossa excelência, a quem efusivamente saúdo.

Passo Fundo, 7 de Outubro de 1935.

146 DISCURSO AO DR. IVO BARBEDO PG. 123

Discurso que proferi em 11 de Abri de 1922, em um banquete de despedida ao Dr. Ivo Barbedo, que, no dia imediato, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos:

Ivo, nesta homenagem de puro afeto, da alvura dos lírios florentinos, entre teus e meus amigos, nessa exuberância de luz espiritual e física, sinto-me compelido, em cumprimento de um dever íntimo, a vir, em meu nome, e em nome do município que represento, ao qual prestaste serviços relevantes, te apresentar abraços de despedida e votos de uma boa viagem.

Se o meu verbo não puder expressar toda a grandeza dos meus sentimentos, pela carência do seu timoneiro, farás um justo equilíbrio, em face da espontaneidade, e, principalmente, pela sinceridade dos mesmos sentimentos.

E essa tarefa, que vem satisfazer uma recôndita aspiração minha, não é difícil, pois que fácil é dizer bem dos homens bons e dignos, como tu, que és portador de belos dotes de espírito e de coração.

Como teu colega, acostumei-me a observar em ti qualidades excepcionais de médico; como teu amigo, habituei-me a admirar a tua primorosa educação, que faz de ti um verdadeiro gentleman.

Médico honrado e consciencioso, mantendo sempre, dentro dessa modéstia que bem o caracteriza, uma linha notável de correção, encarando todos os problemas, que lhe são afetos, por um prisma elevado, bem me faz lembrar, como profissional, as palavras do eminente professor Francisco de Castro:

“Vós não representais comédias nesse tablado solene em que a vida alonga os braços para a esperança, quando a grandeza do nada projeta sobre ela sua sombra terrível”.

No espaço de tempo, em que aqui viveste, só conquistaste amizades e simpatias, e te vais, creia, deixando vivas saudades nesse núcleo invejável de amigos.

A esmeralda, que trazes como símbolo da tua profissão, é o reflexo da tua alma, do teu caráter inteiriço: não tem jaça.

Aureolado de fulgentes esperanças, partes, em breve, para o Velho Mundo, em busca do aperfeiçoamento dos teus estudos, e no conceito filosófico de Maeterlinck, a sabedoria é a luz do amor, e o amor é o alimento da luz.

Os teus amigos, ineludivelmente, terão saudades tuas, com o suave e confortante consolo, porém, de que de lá voltarás mais em condição de espargir os benefícios, de que a tua lúcida inteligência é capaz, aliada ao teu generoso coração.

“No homem, já o disse Alves Mendes, o espírito é muito, o coração é tudo. O espírito é o vestíbulo da alma; o coração o santuário da crença, o sacrário da fé, ‘corde creditur’... o coração é a energia, a vivacidade, a luta, o movimento, o mérito e o triunfo. O coração é o homem”.

E tu, Ivo, tens um grande coração, sempre afeito às idéias grandes e generosas.

Deixas tua Família, deixas teus amigos, as tuas comodidades, o teu bem estar, e segues viagem em demanda de um ideal: são assim os homens fortes, cuja própria sombra tem linhas definidas.

E lá nessas paragens, longe da Pátria, do teu, do nosso Brasil, na aridez da língua estranha, que tanto contrasta com o ritmo melodioso da nossa, te lembrarás, por certo, dos teus amigos de Passo Fundo, porque é bom recordar, viver um pouco do passado.

Vai... Tens esperanças... E o futuro te será risonho... És moço, e, na frase de Renan: *Luereux les jeunes, car la vie est devant eux.*

Meu prezado Ivo, que Deus te acompanhe e te guie, para felicidade tua e glória dos teus amigos.

Passo Fundo, 8 de Outubro de 1935

147 DISCURSO DE PARANINFO PG. 127

Discurso que pronunciei, como paraninfo, em 3 de Dezembro de 1932, no Instituto Ginásial de Passo Fundo, por ocasião da entrega de diplomas à primeira turma de bacharéis: Ivanio Pacheco, Luiz Loureiro Kruehl e Vasco Mello Leiria:

- Exmo. Sr. Diretor do Instituto Ginásial de Passo Fundo. Excelentíssimas Senhoras. Dignos Senhores. - Com os meus melhores agradecimentos, ilustres bacharéis, pela honra que me conferistes, eu vos saúdo com toda a efusão de minha alma e vos abraço, fortemente, com a maior sinceridade.

Sinto-me bem e sinto-me feliz, porque a faculdade que vos ditou a escolha do meu nome para esta solenidade não foi calcada em interesse subalterno, nem medida pela bitola das conveniências do momento; ao contrário, foi uma flagrante prova de amizade, de respeito, de conforto e de solidariedade até, como demonstrou, relevantemente, a visita, sobremodo significativa, que no dia seguinte, me levastes ao presídio onde fui recolhido tão somente por manter bem alto, inamalgável e intangível o meu ideal político, que, desde os bancos acadêmicos, acalento e afago com imenso amor, e hoje venero, mais do que nunca, como um patrimônio sagrado.

É o primeiro conselho que vos dou: pensai bem, meditai muito, medi as consequências de uma atitude e resolvi depois uma posição, que mantereis firmes e inabaláveis pela vida afora.

Ruy Barbosa, falando à mocidade “que é sempre o mais poderoso elemento das campanhas pela justiça, pela liberdade e pelo porvir” asseverou: “posso dizer, como Pericles aos atenienses, após a derrota das suas armas na segunda invasão peloponesa: eu de mim sou o mesmo homem que era, e estou onde estava. Vós é que mudastes”.

Jovens e alegres amigos, a mocidade foi sempre assim destemerosa, ativa e digna, e ela hoje tem o dever, a obrigação de assim o ser, e cada vez mais, para a felicidade da grande Pátria comum.

Estamos, na vida nacional, em um período de transição, em uma época de transformações, em um momento de dúvidas, de incertezas e de aflições, e precisamos, para o bem coletivo, de paz e honra, de trabalho e de energia.

Em tempo, que não irá longe, caberá aos jovens de hoje, a gloriosa tarefa de dirigir os destinos do Brasil, e essa mocidade, vibrante de seguro entusiasmo, de acendrado civismo, desbravará conscientemente o futuro, pisando melhor terreno, diante da lição e do exemplo do passado.

Charles Rivet, no “Edifica tua vida” afirma, com acerto, que é fórmula dos timoratos subordinar-se aos acontecimentos, e acrescenta Gustavo Le Bon que o homem superior provoca-os ou os utiliza como o marinheiro se aproveita do vento, qualquer que seja sua direção.

A vida é um longo curso de obstáculos, sinuosa estrada de barreiras, e, em face da variedade dos seus problemas e das suas crescentes necessidades, torna-se, todo o dia, mais áspera, mais íngreme e mais difícil.

Os obstáculos só atemorizam os fracos e aos débeis mentais; os homens fortes, que tem o poder de si mesmos, que sabem por que e para que vivem, se estimulam e se revigoram, e então ressurgem e aparecem novos, vigorosos e recônditos valores: o forte vence, o fraco é vencido... é a lei do mundo.

A vitória pertencerá aos sadios de corpo e alma: fortalecei a raça, sede propugnadores da eugenia, educai a criança, cultivai a inteligência, aperfeiçoi os conhecimentos, cantai as virtudes, combatei os vícios, amai a luz, detestai a treva.

São binômios de que não vos deveis esquecer: Deus e estudo, Pátria e Família, confiança e atividade, amor e honra, trabalho e energia.

Maurice Maeterlinck, em “Sabedoria e Destino” escreveu, com uma precisão admirável: “A humanidade é feita para ser feliz como o homem é feito para ser sadio” e, na filosofia de Goethe, o clássico é a saúde, o romântico a doença.

Shakespeare pôs na boca de um dos seus personagens esta verdade: “Se somos inferiores, a culpa não é das nossas estrelas, mas de nós próprios”.

Então, pergunto eu, porque não se ser assim sadio e superior, quando, em regra, se pode ser?

Tudo, ou quase tudo, depende de nós, da nossa vontade, do nosso querer, do nosso estudo, da nossa dignidade, da nossa educação, da nossa força e da nossa energia.

“Sem energia o homem se tornará um juguete das circunstâncias, escravo do pão que come, da mulher que ama ou do bem que possui”.

As exceções pertencem à seara da patologia.

Ainda há poucos dias, o Sr. Benito Mussolini, em notável e veemente discurso, pronunciado em Milão, na Praça do Duomo, e que foi um verdadeiro hino à Itália moderna, entre outros lapidares conceitos, cheios de uma fé sem par, asseverou que “os nossos destinos estarão amanhã, como hoje, nas nossas próprias mãos e não serão senão o resultado da nossa invencível vontade”.

Diante de vós, queridos Três amigos, está aberto um amplo caminho.

A primeira etapa vencestes brilhantemente.

Continuai assim.

Não curveis a coluna vertebral a não ser diante de Deus, e a vitória e a felicidade vos serão presentes e constantes.

Paraninfar uma turma de moços que terminam um curso preliminar, é prefaciá-lhes o primeiro volume da vida... E aqui fica o meu prefácio.

Passo Fundo, 9 de Outubro de 1935.

148 DISCURSO NO ESPORTE CLUBE GAÚCHO PG. 134

Discurso que pronunciei em 11 de Agosto de 1921, quando tomei posse do cargo de presidente do Esporte Clube Gaúcho:

- Srs, Alves Mendes, o brilhante e eloquente orador sacro, em sua Oração Acadêmica, refere que Leonardo da Vinci, sentindo-se desanimado ao colorir a cabeça do Senhor em sua admirável ceia, só tentou singularmente esboçá-la. Assim também, Srs, nesta festa soleníssima, entre flores e música, perfumes e ritmos, com toda essa exuberância de luz, nessa atmosfera travessa de olhares femininos, sinto-me pequeno para vos expressar a enormidade da minha gratidão, da minha alegria.

Assumindo hoje a presidência do Esporte Clube Gaúcho, eu bem sei medir a responsabilidade do honroso encargo, responsabilidade da qual não me esquivo e que até procuro mesmo, nutrindo convicção plena de que, sem esmorecimentos, sem instantes de tibiezas, despenderei o máximo esforço para conservar, melhorando as nossas já consideráveis tradições desportivas.

Permitam-me, Srs, sem melindres a quem quer que seja, algumas considerações, que julgo necessárias e oportunas, sobre o futebol local.

Observo, e digo-o sinceramente e com pesar até, com toda a franqueza com que procuro sempre nortear os meus atos e as minhas palavras, um certo ardor excessivo, um que de paixão desmesurada e de entusiasmo em demasia, tão somente prejudiciais e não próprios da nossa culta sociedade.

Essa lacuna deve, de uma vez para sempre, desaparecer, tanto mais quanto ela não tem o direito de existir.

Façamos desporto, porém não façamos inimigos.

Nesta gleba feliz da nossa Pátria, como vós todos sabeis, existem dois clubes valorosos, duas associações respeitáveis, Gaúcho e 14 de Julho, constituídas pelo o que a nossa sociedade tem de melhor, figurando em ambas elementos de distinção, e para desenvolvimento de futebol, que tanta fascinação possui, que

tanto nos atrai e nos empolga, é imprescindível que as nossas relações sejam sempre harmoniosas e que tenham sempre um cunho diplomático e amistoso.

Vencedores ou vencidos, saiamos do campo, sem mágoas e ressentimentos, de mãos dadas, camaradas e amigos, ora no regozijo da nossa vitória, ora reconhecendo o valor do adversário.

Vencido hoje, vencedor amanhã.

Não devemos adormecer, estagnar nos louros de uma gloriola, nem a derrota nos deve esmorecer; ao contrário, deve ser um incentivo para as pugnas futuras.

A existência dos dois clubes, 14 e Gaúcho, é uma necessidade.

Já Eça de Queiroz, o grande estilista dos Maias, sentenciava: “nada é mais fecundo e salutar que a rivalidade que há entre Lisboa e Porto” e Bilac, o saudoso poeta da Via Láctea e do Caçador de Esmeraldas, nas suas admiráveis crônicas da Kosmos, seguindo a mesma observação, escrevia: “o Rio de Janeiro e Buenos Aires prosperam e vivem à custa da rivalidade que, de quando em quando, as atira uma contra outra”.

Assim também, os nossos clubes viverão em constante progresso das suas rivalidades mútuas.

Com o frio do inverno, no início das pelejas, com as primeiras nevadas, elas ressurgirão, eletrizando os nossos nervos, para na primavera, na época das flores e na volta das andorinhas, no remate da temporada, existir apenas a saudade como um perfume que passou.

Um deve ter para o outro a ação benéfica do oxigênio.

E qual será, Srs., a razão da grande popularidade do futebol?

É porque, na opinião de um oficial francês de alta patente, ele é uma luta de uma vontade coletiva contra a luta de outra vontade coletiva.

Segundo um escritor moderno “o futebol é ao mesmo tempo o melhor exemplo do esforço coletivo, da audácia e da perícia de cada um membro jogador. Ele tem em miniatura todos os aspectos psicológicos de uma guerra. No pequeno espaço

de um campo, descortina-se o grande drama da vitória e da derrota, da coragem e da grande estratégia, a tragédia da má sorte e a glória do cumprimento do dever”.

No meu modo de entender, com um escritor inglês, ele é uma escola de energia, de disciplina, de presença de espírito, de desenvolvimento físico e moral.

- Gaúcho... Termo cuja pronúncia me faz vibrar, acelerando-me a correria do sangue nas artérias; gaúcho... Expressão evocativa dos feitos guerreiros e, nas terras paraguaias, onde ficaram indelévels inscritas as bravuras de Andrade Neves, Camara, Osório e tantos outros heróis; gaúcho... Nome que já encera em si um brado de triunfo; gaúcho... nome bendito, que escolheste, para o nosso Clube e como fostes, Srs, felizes na preferência do colorido do nosso estandarte.

Verde... Verde das relvas, das matas e das ondas; verde, do pendão sacrossanto da nossa Pátria; verde, da cor das esmeraldas; verde, emblema da esperança; e também, verde, o símbolo que concretiza todo o ideal desportivo da nossa bandeira, guarda avançada do nosso Clube, traço simpático e indissolúvel da nossa união, que tremulará sobre nossas cabeças, como que nos guiando, firmes, para a vitória.

Pendão auri-verde, eu te saúdo!

Avante, gaúchos!!

Passo Fundo, 10 de Outubro de 1935.

149 DISCURSO AO BISPO DOM ATTICO PG. 140

Proferido, em sessão solene, no Teatro Colyseu, desta cidade, em 10 de Fevereiro de 1928, por ocasião da visita pastoral do Sr. Bispo Dom Attico Euzebio da Rocha.

Preclaro Prelado - Procuo, neste instante, dar desempenho à honrosa (e por que não o dizer?) fácil incumbência que me delegou a Comissão encarregada das

justas homenagens que o povo católico de Passo Fundo presta hoje, com vivo prazer, a V. Ex.

Disse incumbência fácil, e a repito com segurança e sem receio, pois que é sempre fácil, e até mesmo bom, dizer bem de um homem bom e de bem, como Vossa Excelência.

Caráter diamantino, inteligência lúcida, alma caridosa, coração grande e generoso, sempre afeito às ideias generosas e grandes, toda uma vida digna, dedicada com sinceridade e consagrada com convicção a pregar na terra, cheia de imperfeições, os ensinamentos de Cristo, sempre perfeito, tais são, em traços gerais, os excelsos predicados que exornam o caráter e emolduram a vida de V. Ex., honra e glória do clero brasileiro.

Aceitai, o meu prezado amigo, insigne patricio e virtuoso sacerdote, pela minha voz descorada, as demonstrações de amizade e de respeito, efusivas e entusiásticas, de Passo Fundo católico.

Exmas. Sras e Srs - Feita essa rápida saudação, na qual vazei, com abundância de alma e míngua de expressões, o meu sentir, ireis, daqui há momentos, ouvir a palavra ritmada e fluente, impregnada de fé, repleta de encantamentos, educativa e doutrinária, do ilustre e Reverendíssimo Sr. Bispo Dom Attico Euzebio da Rocha, que, por certo, com a elegância do seu verbo ático, altivo, firme e solene, como um sol sobre o topo de uma rocha, espargirá sobre nós, na esplanada, os raios de sua sagrada benção.

Não devo perturbar o doce concerto, não quero desfazer a suave harmonia que paira neste ambiente, e, por isso vou terminar, convidando aos assistentes a que, todos de pé, sob calorosa e prolongada salva de palmas, em uma vibrante consagração, como em uma apoteose, concedamos juntos a palavra a S. Ex.

Passo Fundo, 11 de outubro de 1935

150 DISCURSO SOBRE O DR. BORGES PG. 143

Pronunciado, em 23 de Junho de 1928, no salão do Clube do Comércio, em Porto Alegre, num banquete oferecido ao Dr. João Neves da Fontoura.

Exmos. Srs Drs. Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, presidente e vice-presidente do Estado. Exmos. Srs.

A vida é cheia de flagrantes contrastes... Ouvistes dois formosos e elegantes discursos e agora ides ouvir o meu... Desculpai.

“Lás cosas hay que hacerlas; mal, pero hacerlas” disse Sarmiento.

O exercício da presidência da Assembléia dos Representantes do Estado explica, e plenamente justifica, nesta imponente homenagem ao ilustre Dr. João Neves da Fontoura, o fato de eu vos dirigir a palavra, e é nesse caráter que tenho a insigne honra de, em breves palavras, solicitar que se levante uma viva saudação ao emérito riograndense e eminente brasileiro, Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, um dos vultos de maior valor moral e mental da nossa Pátria, verdadeiro evangelizador do regime republicano.

Tenho a segura convicção de não ser preciso lembrar aqui as peregrinas e magníficas virtudes de Borges de Medeiros; elas são do nosso conhecimento, pois estão na consciência de todos, e já, em 1902, eram proclamadas pelo excelso patriarca Dr. Júlio Prates de Castilhos, em notável documento político.

O Brasil, e principalmente o Rio Grande do Sul, grande pelo valor e pela bravura dos seus homens, grande por suas heróicas tradições, grande pelo seu comércio, pela sua indústria e pelas suas artes, devem-lhe profunda admiração e respeito, a par de indelével gratidão.

Nenhum riograndense o tem excedido em dedicação, afeto e amor à sua terra, e é por isso que ele é hoje maior que ontem, e amanhã será, por certo, ainda maior que hoje.

O invicto Partido Republicano do Rio Grande do Sul, superiormente disciplinado e digno, tem pelo seu Chefe, tão notável quanto modesto, a mais respeitosa

consideração, cercando-o de robusta e indestrutível solidariedade e sempre cerrando fileiras ao seu lado, sejam quais forem as circunstâncias e as questões, na mais perfeita harmonia de vistas, sem a menor solução de continuidade.

Façamos, Srs., de coração, votos pela saúde do preclaro estadista, e levantemos, com ardor e alegria, a nossa taça em honra de S. Ex.

Passo Fundo, 12 de Outubro de 1935.

151 DISCURSO NA PEDRA DA CATEDRAL PG. 146

Discurso que proferi, em 29 de Abril do corrente ano, quando do assentamento da pedra fundamental da Catedral de Passo Fundo.

Ex. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Antonio Reis - Excelentíssimas Sras. e Srs., meus irmãos na fé, meus irmãos em Jesus.

Muitas tem sido as vezes que hei falado em público por circunstâncias honrosas e distintas, mas devo confessar, e o faço sem reboços e com indisfarçável alegria, que nenhuma delas tocou tanto o meu espírito e em meu coração, como a de hoje, por isso que, depois de tão ilustres oradores ao Iº Congresso Catequético do Rio Grande do Sul, fala pela primeira vez, um passofundense de nascimento, no instante em que se fixa a pedra fundamental da Catedral de minha terra.

Essa é a maior honra, não a mim, obscura individualidade e pobre pecador deste vale de lágrimas, mas honra à minha própria terra, que verá, imperecivelmente, perpetuado este ato solene na pedra, no cimento, no mármore e no bronze da futura Catedral.

E não é só por essa esmeralda que eu olho a perspectiva, porque existe um outro ponto de não menos importância, embora de ordem íntima, de nenhum interesse para vós e muito para mim, que corrobora no aumento do meu júbilo: aqui, neste mesmo local, foram erguidas a primeira capela e a primeira igreja católicas de Passo fundo, e, nesta última, bem tosca, mas que eu sempre, na minha doce fantasia infantil, achava-a tão linda, recebi, em 15 de Agosto de 1882, com 5

meses de idade, o santo sacramento do batismo, e fiz, em 1892, por ocasião da visita pastoral do virtuoso Bispo Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, a primeira comunhão.

Em 1834, Joaquim Fagundes dos Reis e mais alguns poucos moradores requereram à autoridade eclesiástica de Porto Alegre licença para a construção de uma capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo, que foi aqui levantada no decorrer do ano de 1835.

Feliz coincidência a nossa de comemorarmos hoje cem anos da construção daquela capela rústica, de madeira, coberta de capim, como eram então todas as poucas casas do lugarejo!

Logo depois, esse pequeno templo salvou a população de um feroz ataque por parte dos silvícolas. Só se rezava missa, quando vinha um padre de Cruz Alta, e, em determinado domingo, a igreja encheu-se de fiéis, vindos de todos os recantos. “Enquanto isso se passava, escreve o douto historiador da Terra dos Pinheirais, sucesso bem diferente e quiçá mui sério para ela, que nem sequer o suspeitava, se ia desdobrando no mato próximo, ali naquela coxilha que temos à vista, situada a quem e à esquerda do Barracão.

É o caso que os índios coroados, os bugres, como eram e são, ainda hoje, chamados, esses pobres silvícolas, que a própria civilização compeliu a serem-lhe maus naqueles tempos, visto que os perseguiu, dizimou e escravizou nos sertões de São Paulo, obrigando-os assim a buscarem refúgio nas brechas remotas do Rio Grande do Sul, tinham vindo, favorecidos pelo espesso mato da serra geral, colocar-se de alcatéia no ponto referido, aguardando momento próprio, que ser-lhes-ia delatado por comparsa posto de vigia em alto pinheiro, para um assalto à povoação. Assim preparado o golpe, em que, como era praxe de tais índios, teria parte saliente na chacina o tremendo cacete de quatro quinas, falquejado depois da competente sapeca para que mais rijo se tornasse, e que era manejado por um fiel de embira que se prendia à mão hercúlea do índio, eis que acontecimento imprevisto põe abaixo o plano diabólico assim delineado: o que estava de alcatéia no pinheiro, vendo sair da capelinha, na terminação da missa, o povo que lá estava, desce precipitadamente do seu posto e vai narrar o caso aos

companheiros, que ouvindo-o e concertando, decidiram que, dado o exposto, e se cada casa do povoado tinha assim tanta gente, claro estava que a soma de todas se avantajaria ao número deles, não se podendo, portanto, cogitar mais do projetado assalto, que, por isso, frustrou-se, visto ser tática invariável desses índios só atacarem com pronunciada superioridade numérica”.

Auguste de Saint-Hilaire, no seu notável trabalho “Viagem ao Rio Grande do Sul” em 1820 e 1821, confirma e descreve essa tática dos índios.

Foi Srs., a providência divina que, por aquele meio, salvou a população de morte certa e bárbara.

Essa capela ruiu em 1863, sendo as imagens recolhidas a uma outra, de São Theodoro, construída à expensas de Dona Gertrudes Ribeiro, e, em 1865, foi construída então no mesmo lugar da capela a igreja matriz, que, por sua vez, foi derrubada, por se achar em ruínas, em 1908.

Esta foi a que eu conheci, e ainda me ressoam aos ouvidos aquelas primeiras melodias da fé nascente, que são as que gravam indelével, e ainda me lembro (e que evocação saudosa!) da prece ensinada por minha Mãe, “prece, escada misteriosa de Jacó; por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela, descem as divinas consolações” e ainda me recordo das nossas alegres festas domingueiras, ditas pelo saudoso padre Guedes.

Hoje, decorridos tantos anos, cerro os olhos, e repito baixinho, com a crença da oração de um enfermo:

“Ressurgir dentro da alma uma idade passada, como em capela d’oiro há cem anos fechada, onde não vai ninguém, mas onde há festa ainda, se eu não hei de saber como a saudade é linda”.

O clero de Passo Fundo, a não ser em uma insignificante exceção para confirmar a regra, sempre manteve as melhores relações oficiais e pessoais, com as autoridades locais, tanto que em 1908, o querido padre Valentim Rumpel, por indicação minha, fez parte, e saliente, do Conselho Municipal, e convém lembrar que, em 1857, depois da cerimônia da instalação do município, “em ação de

graças pelo magno acontecimento, realizou-se, em seguida, um Te Deum na Matriz da Vila”.

O Congresso Catequético não podia encerrar de melhor modo os seus importantes trabalhos do que lançando a pedra básica da Catedral de Passo Fundo.

É um melhoramento que há muito se fazia sentir e cuja construção é uma imperiosa necessidade, tanto mais quanto avalia-se da crença, maior ou menor, de um povo pela grandiosidade, maior ou menor, dos seus templos.

Não basta só a nossa boa vontade.

Sigamos o resumo dos conselhos do Dr. Victor Pauchet, no “Soyz optimiste”: vontade, paciência e energia.

Cada um de nós tem que trazer sua parcela diuturna de cooperação, apoio franco e decidido, grande ou pequeno pouco importa, mas constante, para que, dentro de poucos anos, vejamos erguer-se, como braços estendidos para o céu, ensinando-nos a morada de Deus e das almas boas, as suas alterosas torres, em desafio perpétuo às paixões, às lutas, às vaidades, às intempéries da vida.

Na tormentosa época porque atravessa o mundo, no embate constante das mais disparatadas opiniões e ambições, na desagregação do caráter e oscilação da personalidade; no momento em que certa erva má e danada pretende atirar suas gavinhas para enredar, ou quiçá destruir, o que de mais caro temos como a estabilidade social, argamassada durante séculos; no instante em que grossos nimbo se divisam nos horizontes, ameaçando formidáveis tempestades; na hora em que todas as atenções convergem para a anarquia reinante em todos os continentes; quando já aparece, nas estradas, embora longínqua, a poeira dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, nessa fragorosa débâcle do ideal, do belo e do bom, precisamos nós, os da igreja católica, inexaurível fonte moral, serenos na fé, dignos da nossa fé, sem máscaras afiveladas ao sabor das conveniências de momento, nos mantermos vigilantes e ativos, confiantes e fortes, principalmente fortes, para o combate ao mal que, menos mais dia, nos baterá às portas.

Mas o que é, Srs., ser forte?

Ouçamos, a propósito, a interessante lenda que nos conta Gibier, em seu livro *Le regne de la conscience*: “Um filósofo reuniu, um dia, ao redor de si, seus melhores discípulos e lhes propôs esta questão: Qual é o homem verdadeiramente forte? Levantou-se um e disse: “É o que tem os músculos de Hércules”. “Não, contestou o outro, é o que possui a ciência de Arquimedes”. O terceiro atribuiu a palma da força ao general que debela os exércitos inimigos e o quarto entendia conferi-la ao orador e ao poeta, que fascinam as multidões e as arrastam para onde lhes apraz, pelos amários irresistíveis das suas palavras e dos seus versos. No entanto, todos se enganaram. Pois, a fogueira consumiu a força física de Hércules. Faltou uma alavanca à força científica de Arquimedes. Basta um sopro da fortuna para aniquilar a força das armas. E extingue-se a força da eloquência no eco da voz que esvanece e morre. Eu mesmo, perorou o sábio, não sou um homem verdadeiramente forte: a minha inteligência tem os seus limites e o meu coração tem as suas fraquezas. O homem forte é aquele que sabe, na obediência livremente aceita e na submissão conscientemente praticada, vencer-se a si mesmo. E a quem uma vez assim se venceu, ninguém mais vencerá: nem os elementos, nem o infortúnio, nem o martírio, nem e própria morte.”

É por isso que a igreja católica é imensamente forte, através dos seus dogmas, pregados durante séculos, muitas vezes com o maior dos sacrifícios, por homens que sempre souberam superiormente vencer-se, antes de tudo, a si mesmos, nessa obediência livre e nessa submissão consciente.

A nossa religião é um poder e uma força, poder espiritual cuja arma invencível é a cruz, força espiritual cujo poder é a fé inquebrantável.

E para vos citar um exemplo de homem forte, aí está em nossa frente, aureolado de virtudes, cercado pelos nossos corações, bafejado pelo nosso respeito e aquecido pela nossa amizade, o eminente bispo D. Antonio Reis, caráter diamantino, inteligência brilhante, alma caridosa, coração generoso, toda uma vida digna, consagrada, com amor sem par e com dedicação sublime, ao seu elevado e divino sacerdócio.

Homens como V. Ex. são como as madreperlas que “vivem no meio do oceano sem absorverem a mínima gota de água salgada”.

Inteiramente convencido estou de que o povo de minha terra, como eu, exulta por este auspicioso acontecimento de hoje, de uma simplicidade tocante, cheio de fé e de esperanças, o que, à saciedade, bem prova essa exuberante demonstração de entusiasmo, vibração cristalina, sincera e pura da alma católica de Passo Fundo, frêmito incontido do nosso sentimento religioso.

Terminando, expresso-vos os melhores agradecimentos, e sejam as minhas últimas palavras as de Gunther Gruder: “Fé – Vontade – Ação. Nossa fé é forte, porque ela está enraizada em nós. Nossa vontade é pura, porque ela repousa sobre o sentimento da responsabilidade e da solidariedade. Nossa ação será irresistível com essas fontes de origem”.

Passo Fundo, 13 de Outubro de 1935

152 DISCURSO NO COLÉGIO NOTRE DAME PG. 160

Proferido em 6 de Março de 1932, por determinação das Senhoras Católicas de Passo Fundo, como homenagem ao Sr. Bispo Dom Antonio Reis, em um chá que lhe foi oferecido no Colégio Notre Dame.

Honra excelsa para mim a de falar pelas Senhoras Católicas de Passo Fundo a mais alta autoridade eclesiástica desta diocese, rica e linda.

Sinto-me transportado a um mundo quase que estranho, de exercício inteiramente diferente daquele em que atuo. E como me sinto bem em dirigir a palavra a V. Reverendíssima, Dom Antonio Reis, em nome das famílias católicas de minha terra.

De uma feita, o arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia, membro da Academia Brasileira de Letras, ao fazer o panegírico de São Francisco de Salles, o grande amigo pessoal de São Vicente de Paulo, por ocasião do 3º centenário da sua morte, assim iniciou a sua eloquente e brilhante oração: “A ramalheteira Glycera, com quem abre São Francisco de Salles a primeira página da Philotéa, sabia variar tão bem a disposição das suas flores em ramalhetes, que com as mesmas fazia sempre novos, a ponto de levar nisto a palma, em gracioso desafio, ao hábil

pintor Pausias, pois este não logrou combinar em tanta maneira as tintas da sua palheta, como Glycera os matizes das suas corolas”.

Quem nos dera hoje aqui o condão artístico da floreira grega. Faríamos então um buquê tão lindo, tão belo, tão encantador e, orgulhosos da nossa obra, o entregaríamos a V. Reverendíssima, que, pressuroso e risonho, aconchegando-o ao seu peito, com amor e como quem guarda uma jóia de valor inestimável, o iria colocar como em um trono, nos pés da Virgem Conceição, nossa santa padroeira e padroeira também do nosso Brasil.

Depois do honroso convite de ontem, à noite, é que eu bem compreendi, em um “nosce te ipsum”, a minha responsabilidade diante da grandeza desta festa... e, então, às pressas, escrevi estas linhas, que, pela pena, brotaram-me espontaneamente da alma, tão só em um esboço de discurso.

Agora, que direi eu?

Pouco é verdade: mas, é verdade também, que o que eu disser a V. Revmo. é a máxima expressão da minha lealdade e da minha fé sincera.

Nascido, criado, educado dentro da nossa religião, posso assegurar que sou um católico de convicções.

Creio nos seus dogmas fundamentais.

Quando moço, cheio de vida e de esperanças, de ilusões e de alegrias, rumei, enveredei, amorosamente, procurando a querida terra natal, por uma nova estrada, firme nas minhas convicções e confiante serenamente no futuro, pois que, com Deus, colimava sempre o Bem e procurava sempre a Verdade.

Nessa longa jornada percorrida, tive instantes de satisfação imensa, minutos de dúvidas e de incertezas, horas de profundo pesar.

Quantas vezes eu senti a minha pequenez diante da grandeza do mal inevitável; quantas vezes de braços cruzados percebi a inutilidade dos meus maiores e melhores esforços; quantas vezes, porque eu também tenho coração e tenho alma, lágrimas amargas, de desespero e de dor, correram-me furtivamente pela face, no silêncio santo dos hospitais, na sala longa, fria e anônima da pobreza; quantas

ingratidões hei caladamente sofrido; quantas injustiças e decepções tremendas, resignadamente tragado.

Mas tudo isso não me trouxe ao espírito o desânimo cruel, a descrença maldosa e o ceticismo desolador. Não, nunca. E por quê?

Porque eu creio em Deus.

Lamartine já o disse: “Toda a civilização, que anula a idéia de Deus, é falsa. Toda a civilização, que se não repassa da idéia de Deus, é fria e vã. O valor máximo de uma civilização perfeita é Deus melhor conhecido, amado e adorado pelos homens. A oração é a última palavra e o último ato de toda a civilização verdadeira. A mais bela atitude do homem livre é estar de pé e apumado diante dos homens. A mais bela atitude do homem crente é inclinar-se genuflexo, diante de Deus”.

V. Ex. recebe hoje das Senhoras Católicas de Passo Fundo esta humilde homenagem, simples pela sua exteriorização, mas vultosa pela sua sinceridade: o seu maior valor reside na veemência do seu gesto, que é grande, espontâneo, leal e afetivo.

Em nome delas, ofereço-lhe este chá, dedico-lhe toda esta festa, que, tenho a certeza, ficará guardada no coração generoso do meu ilustre Amigo, cujo palpitar forte e ritmado tem sido um traço que bem revela, que bem desenha o perfil do seu cérebro.

E foi, por isso, certamente, que moço ainda foi Dom Antonio Reis escolhido e consagrado Bispo. Não fossem as suas virtudes de coração e de alma; não fossem sua reconhecida caridade e grandeza de espírito; não fossem a sua bondade inexcelsível e a sua superioridade mental, fortalecida por uma fé inabalável, e seria, talvez, S. Ex. um lugar comum na vida religiosa.

V. Revmo., que não ambicionou nem pediu o brilho dessa posição, bem a mereceu pelas suas nobres e belas virtudes, fidelíssimo aos sagrados doutrinamentos da fé.

Homens como o meu, como o nosso preclaro Amigo e Chefe Espiritual, passam pela vida fazendo o bem, corrigindo o mal diuturnamente, sem o seu prejudicial contato.

Caráter sem jaça, inteligência formosa, alma franca, coração imensamente bom, toda uma vida virtuosa e exemplar, dedicada a Deus, em verdade e em convicção, tais são, em traços gerais, os excelsos predicados que salientam e emolduram a vida do nosso Bispo, honra e glória do clero brasileiro.

Aceitai insigne patricio e virtuoso sacerdote, pela minha voz descorada, as demonstrações de amizade e de respeito das Senhoras Católicas de Passo Fundo; aceitai, enfim, em nome delas, uma saudação sinceríssima e entusiástica, que, como diz o poeta:

“Vai pelo azul um cântico vibrando,

Tão límpido tal alto, que parece,

Que é uma estrela no céu que está cantando”.

Passo Fundo, 14 de Outubro de 1935

153 DISCURSO NO 8º REGIMENTO DE INFANTARIA

PG. 167

Pronunciado em 31 de Agosto de 1922, por ocasião do assentamento da pedra fundamental do Quartel do 8º Regimento de Infantaria.

Senhores – O homem, em sua trajetória pela terra, é sempre escravo dos seus deveres, os quais, sempre também, o arrastam para frente, no desempenho de honra de função social.

Eis, porque, Srs., abalanco-me a estas inseguras palavras, que, por certo, não traduzirão satisfatoriamente o meu inteiro sentir, visto como as grandes emoções isquemiam-me, a maior parte das vezes, a localização cerebral da palavra.

Essa solenidade, que acabastes de observar, de uma simplicidade tocante e cheia de ensinamentos, de um cunho de vero civismo, e a base de um quartel de infantaria, sobre o qual tremulará, em breve, o sacrosanto símbolo da fé e do nosso amor pátrios; é o marco indelével de um novo surto do progresso para a nossa terra; é o grande pedestal de vultosa instituição, escola da dignidade e do dever, onde a mocidade, cônica dos seus brios, vai auferir aptidões para bem poder servir e defender a Pátria nos momentos precisos.

A caserna de hoje não é mais o espantinho de antanho; é um segundo lar, ou antes, é o prolongamento do primeiro, onde se revigoram as energias cívicas, onde se fortalecem, e se aprimoram, as qualidades de soldado, onde servem os nossos amigos, os nossos irmãos e os nossos filhos, labutando por um ideal sublime e nobre, tal o engrandecimento e a integridade do Brasil.

Essas forças morais, amor, dedicação, coragem, civismo, necessitam, para um feliz êxito, de instrução militar, e é somente no quartel onde se aprende a ser verdadeiramente soldado, capaz de reproduzir, se oportunidade houver, os feitos heróicos de Andrade Neves, Camara, Osório e tantos outros bravos.

Inteiraente convencido estou de que o povo de minha terra, como eu, exulta por tão auspicioso acontecimento, que bem demonstra essa vibração de entusiasmo, apesar da inclemência do tempo.

Orgulho-me, e escusai-me da vaidade, de assistir esta cerimônia como administrador do município de Passo Fundo, ao qual direi, parodiando a frase de Santo Agostinho: “mais grato me é vos ter sido útil, que ter sido vosso chefe”.

Brindo, afetuosamente, o prezado patrício e ilustrado engenheiro Dr. Firmo Dutra, e levanto a minha taça em honra do Exército Nacional, representado pelos dignos militares presentes.

Passo Fundo, 15 de Outubro de 1935

154 DISCURSO NO CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES PG.170

Proferido em 20 de julho de 1929, no Palácio do Governo, ao Dr. Getúlio Vargas, então presidente do Estado.

Excelentíssimo Senhor Presidente – Excelentíssimos Senhores Secretários de Estado – Senhores.

Por delegação, sobremodo honrosa, para o obscuro representante de Passo Fundo, ao 1º Congresso das Municipalidades Riograndenses, eis-me na presença de Vossa Excelência, a fim de expressar-lhe, com a máxima sinceridade, os agradecimentos de que Vossa Excelência tem feito jus pela sua fidalguia e distinção.

O Congresso, que ora se realiza, é uma esplêndida e magnífica cruzada, que trará, por certo, para a comunhão riograndense, os melhores e os maiores benefícios, por isso que Estado e Municípios de mãos dadas, cada um na sua esfera de ação, na mesma unidade de vistas, procuram, com acendrado carinho, resolver os magnos problemas que vitalmente lhes interessam.

Tem vindo à tela do debate interessantes, complexas e importantes questões, discutidas, em plenário, com brilho e elevação invulgares.

Não houve assunto que, de perto, interessasse o progresso do município que, nesse Congresso, não tivesse sido também objeto de acurada meditação, aprofundado estudo, amplo debate e criteriosa deliberação.

O ensino público primário e profissional, que tão acaloradas controvérsias suscitou, teve uma solução digna e honrosa para quantos nelas se empenharam, pois que, ao cabo de tantas lucubrações, foi a questão entregue à definitiva resolução do preclaro Presidente do Estado, que, nesta hora, para felicidade de todos, em rota certa e timão firme, guia os destinos do Rio Grande do Sul.

A instrução pública tem sido, por assim dizer, a pedra de toque do governo benemérito de Vossa Excelência, que encontrou um ilustre Secretário do Interior,

Dr. Osvaldo Aranha, o cooperador necessário para realização completa de tão magno empreendimento.

Esse moço, que tão cedo revelou as suas excepcionais qualidades de homem público, na presidência do Congresso, aliando a sua qualidade de Secretário de Estado, foi o fator máximo do brilho e êxito com que se solucionaram todas as teses discutidas, esclarecendo, retificando, aconselhando, com sua palavra vibrante e sugestiva, o que de mais útil e praticável se lhe afigurava.

Assistência social, saúde, segurança e justiça públicas, agricultura e pecuária, rios e águas correntes, viação, política e administração, assuntos que, na hora presente, não podem ser relegados para um segundo plano por todo administrador digno desse nome, foram exaustivamente esclarecidos, e as conclusões votadas, uma vez postas em execução, trarão, sem dúvida, os resultados previstos e tão patrioticamente desejados.

Para mim, Senhor Presidente, esse Congresso, além do mais, foi uma surpresa e uma revelação, pois que, em muito feliz oportunidade, travei relações e conheci de perto representantes dos mais afastados e pequenos municípios, e observei que eles, com o mesmo amor e dedicação, estudam e procuram acompanhar o progresso, cada vez mais crescente, do Rio Grande do sul.

Há por toda parte uma ânsia de trabalho e de ascensão, saneando as nossas cidades, cultivando os nossos campos e matos, desenvolvendo o sistema arterial das rodovias, abrindo escolas, amparando o comércio e as indústrias, fomentando a agricultura, dando braço forte à justiça e, assim procedendo, Senhor Presidente, procuramos ser colaboradores do governo de Vossa Excelência, que todos uníssonos e entusiasticamente classificam de brilhante, e, em verdade, assim o é, e aí estão a assegurar os empreendimentos e as realizações.

No Rio Grande do Sul, atesta-o a história, as questões políticas apaixonam e extremam os homens, que não se quedam indiferentes, mas se alistam e combatem nas fileiras dos dois formidáveis partidos, que militam com fronteiras e programas definidos.

Pois bem, Senhor Presidente, a este Congresso acorreram distintos representantes da oposição, tão dignos e respeitáveis quanto nós outros, e, no entanto, no mais aceso das discussões, jamais se focou, sequer de leve, a menor questão política.

É que fizemos frente única.

Separam-nos os ideais políticos, mas nos une, congrega e fortalece o mais entranhado amor pelo Rio Grande do Sul, terra estremecida e cara.

É a cultura cívica do gaúcho em marcha.

Vossa Excelência teve, na frase do grande Borges de Medeiros, a felicidade de ver pacificada a família riograndense.

O seu benemérito governo tem sido testemunha desse surto de trabalho fecundo, de energia construtora, que esteia por toda parte.

O nome de Vossa Excelência é, por isso, hoje proclamado como um dos beneméritos da terra gaúcha e uma das mais lidimas esperanças da República.

Receba Vossa Excelência, neste instante, os cumprimentos dos representantes do 1º Congresso das municipalidades, de envolta com os votos que fazemos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela continuação do seu operoso governo, já tão farto de reais serviços à causa pública.

Passo Fundo, 16 de Outubro de 1935

155 DISCURSO AO CORONEL GABRIEL BASTOS PG.

176

Pronunciado em 10 de Janeiro de 1917, por motivo de seu aniversário natalício.

Mais um ano de vida, mais uma conta desfiada no rosário da existência e mais um passo para o abismo insondável do mistério e, assim pensando, não se deveriam festejar as datas natalícias, mas “cessa tudo quanto antiga musa canta” e alegremente comemora-se com festas, como a de hoje, da pureza simples e

tocante alvura dos lírios florentinos, quando o aniversariante é um vulto da estatura e da estrutura moral de Gabriel Bastos.

Digno, inteligente e honrado, modesto sempre, altivo e bondoso, Gabriel Bastos tem se imposto ao conceito justo e à admiração de seus amigos, que hoje, em um grande amplexo, lhe vem trazer “les coeurs sur les livres” votos de maior prosperidade e de melhor felicidade pessoal.

Faço extensivos esses votos à toda sua Excelentíssima Família, e desejo especializar, aproveitando da feliz oportunidade, o nome de sua digna consorte, Dona Juvencia, coração magnânimo e espírito de elite.

A sua pessoa, Senhora, traz-e à memória, neste momento, uma individualidade veneranda e venerada, cujas migalhas de pão foram, por intervenção divina, transformada em rosas, ao ser descoberta a sua caridade, e a caridade de Vossa Excelência é por todos de sobejo, conhecida.

Pois bem, eu rogo a Deus para que não sejam transformadas em flores, mas em bênçãos celestiais o grande número de lágrimas que tendes enxugado o grande número de conforto que a espíritos aflitos tendes levado, e, finalmente, o grande número de bocas, cuja fome tendes mitigado.

Levantando à minha taça à saúde do Coronel Gabriel Bastos e de sua virtuosa esposa, tenho a certeza de ser correspondido com veemência, em um hurrah estrepitoso e palpitante.

Passo Fundo, 17 de Outubro de 1935

156 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL PG. 178

Proferido em 15 de Novembro de 1920, quando, depois de memorável pleito, assumi o cargo de intendente municipal.

-A Vossa Excelência, Senhor Dr. Alvaro Leal, que tão bem interpretou, em impecável estilo, o sentir dos nossos amigos, com a nobreza da vossa palavra

burilada, com o vosso fulgurante talento, a expressão sinceríssima do meu penhor e a afirmação solene da minha amizade.

Ao digno Conselho Municipal, cuja benéfica ação, nos destinos desta terra, em breve se fará sentir, as minhas intensas congratulações por mais essa etapa brilhante de trabalho, de inteligência e de civismo.

Senhores – Sois, enfim, chegados à última fase dos vossos ideais: vencestes, em 15 de Abril de 1919, uma das vossas maiores aspirações e vencestes ainda, em 16 de Setembro do corrente ano, a seqüência natural e legítima da primeira.

Estão, portanto, os vossos desejos satisfeitos em sua totalidade, estão os vossos anelos completamente realizados e oxalá possa eu, o escolhido por vós, dar desempenho cabal às funções que me foram honrosamente conferidas e corresponder d'est'arte à elevada e inmerecida confiança dos meus amigos, sempre bondosos, sempre magnânimos.

Como político, militando nas fileiras do partido republicano castilhista desde saudosos tempos acadêmicos, continuarei a servi-lo, com o mesmo ardor da mocidade, sem paixões subalternas, sem ódios, sem vinganças.

Como administrador, observando serenamente os fatos, pelo prisma da verdade e do direito, propugnarei pelos reais interesses da coletividade, amparando-os, numa concentração de energias, com todas as grandes forças da minha dedicação e da minha vontade.

Na evolução do mundo moderno, nessa vertiginosa decadência de caráter, quando tudo se procura deturpar e corromper, quando a sociedade é invadida por uma avalanche de vivedores, quando impera o vício, quando domina a libertinagem, torna-se necessário aos homens de governo traçar, com mão de aço, uma linha reta, sem desvios e sem atalhos, pelo caminho da moral, da dignidade e da honra, trilhando-o com passo firme, sem tremores e sem vacilações.

Nutro plena convicção, tenho certeza absoluta de que, nessa trajetória, encontrarei inúmeros obstáculos, barreiras quase insuperáveis, cuja transposição, por certo, trar-me-a amargos dissabores, cruéis desenganos; mas, se for para o bem de minha terra, não medirei sacrifícios para vencê-los, não terei momentos

de fraqueza e de dúvidas; enfrenta-los-ei confiante e sereno, de viseira erguida, convicto de que estou cumprindo um dever e de que, afinal, os homens honrados e de boas intenções saber-me-ão julgar.

Moldo a minha ação governamental pelas palavras de Julio da Castilhos: “A minha ação política, na elevada significação da palavra, será tão tolerante como enérgica. Tolerante, quanto às opiniões e quaisquer pronunciamentos pacíficos, tolerante até o extremo de uma renúncia voluntária do mandato, para que se efetue mais uma manifestação livre dos cidadãos, que compõem o corpo eleitoral, a aprazimento daqueles que movem ao governo a mais obcecada oposição. Enérgica sempre que for preciso invalidar resolutamente as criminosas tentativas dos inimigos da paz pública; enérgica, quando a segurança e o sossego da sociedade exigirem aplicação severa de inexoráveis medidas repressivas”.

Senhores – Não nos deve preocupar o passado... Cubramo-lo com o manto do esquecimento e aproveitemos dele apenas a rude experiência para nos conduzir nos empreendimentos do futuro.

A época, que não é mais de lutas, exige o trabalho ativo e profícuo e, assim pensando, nessa aurora de ressurgimentos, nessa alvorada de esperança, desfraldemos, à luz meridiana, a bandeira branca da vitória e da paz, da tranquilidade e do amor, do respeito e do trabalho, da verdade e da justiça. Pelo que é de observação comum, é de bem prever as precárias condições em que me vem parar às mãos esta municipalidade. Nas minhas palavras não há o menor exagero, nelas se cristaliza apenas a realidade palpitante, que é preciso, mais do que nunca, ser conhecida por todos vós e, o que hoje vos procuro dar ciência em traços gerais, amanhã vos será, após minucioso estudo, especificado em suas linhas mínimas, em seus mais insignificantes pormenores.

Vede Senhores, as ruas e as praças da nossa futura cidade em completo e doloroso abandono, reclamando iniciativa imediata.

Contemplai as principais estradas do município, escoadouro das nossas riquezas, permanecendo quase intransitáveis, no contínuo apelo ao poder público competente.

Observai as poucas pontes que existem, em ruínas, a espera de um hálito de progresso.

Examinai a cadeia, que é tudo o que há de mais horroroso e aberrante dos mais comesinhos princípios de humanidade.

Ao comércio local tem faltado um certo apoio seguro e criterioso desta municipalidade, e a crise de transportes, de que ainda sofremos as graves conseqüências e cujos males vão pouco a pouco desaparecendo, graças à ação do benemérito Governo do Estado, através do eminente Borges de Medeiros, é a prova mais exuberante do que asseveramos.

Em agricultura, somos antiquários, velhos processos de rotina e, no entanto, nela repousa a nossa principal fortuna.

Em pecuária, podemos afirmar que é a mais atrasada do Rio Grande do Sul.

A empresa hidroelétrica, cujas despesas de montagem orçam para mais de 400 contos, não correspondem sequer com um juro relativo do capital.

Questões na tela judiciária, algumas já perdidas, todas mal amparadas, a intendência mantém diversas.

Os bens do município há longos anos seguros por uma hipoteca, em documento vencido e já, para vergonha nossa, protestado em cartório.

Ao lado de tudo isso, marcha, solene e ridículo, na exteriorização do homem medíocre, a instrução pública municipal e, por sobre tudo isso, e mais que se poderia assegurar, ai está, sem meios imediatos de solução, um volumoso compromisso para com a firma The English Electric Company, de Londres que, em carta de 8 do corrente mês, e que coloco sobre a mesa à vossa disposição, reclama o pagamento de 1525 libras, que representa apenas 50% do valor da dívida.

Nesse sentido eu tenho obrigação de vos esclarecer que, em Agosto último, o então intendente, convocando extraordinariamente o Conselho, solicitou deste a verba de 20 contos, arbitrada por ele, para uma nova encomenda de

transformadores. Pois bem, exorbitou da autorização que lhe foi concedida, fazendo um pedido superior a 60 contos (3050 libras esterlinas).

Para aquela mesma importante casa comercial deve o município, além do que ficou exposto, mais 27 contos de reis, de lâmpadas e outros acessórios, aqui entregues em Dezembro de 1919, há quase um ano, sem o pagamento, por conta, de um vintém sequer.

Escusai-me, Senhores, se assim vos falo se assim me expresso; mas assim é preciso, assim me cumpre fazer, porque é nessas condições que assumo o governo de Passo fundo, na gloriosa data de 15 de Novembro.

Dar braço forte à justiça, regularizar as nossas finanças, moralizar a arrecadação de impostos, aplicá-los honradamente, convenientemente, amparar o comércio, desenvolver a agricultura, abrir escolas, extinguir o jogo, fustigar a libertinagem, rasgar estradas, construir pontes são, em síntese geral, os meus ideais e, se tiver a doce ventura de os transformar em realidade, estarei plenamente satisfeito, inteiramente recompensado, podendo então me recolher à sombra da minha obscuridade.

E agora, meus amigos, urge trabalhar com fé e progredir sem esmorecimentos.

Passo Fundo, 18 de Outubro de 1935

157 DISCURSO DE AGRADECIMENTO PG. 188

Proferido em 29 de Novembro de 1916, em uma manifestação popular, quando do meu regresso a Passo Fundo, depois de longos meses de ausência.

Grava indelevelmente em meu espírito uma das ocasiões mais alegres da minha existência, essa demonstração de grande amizade, que ora bondosamente estão me dispensando.

É ela um grande conforto para minha alma, que vibra intensamente e com ardor por esta terra, onde tive a ventura de nascer, onde tenho a dupla ventura de viver e possuir tão bons amigos e onde espero, por último, assim o peço ao Grande

Poderoso, ter a ventura suprema de cerrar as pálpebras, para nela ir repousar, calmo e tranqüilo, como quem tem cumprido o seu dever na vida.

Essas provas de carinho deveras me penhoram e me comovem. E não podia deixar de ser assim, principalmente depois das palavras do meu amigo Francisco Antonio Xavier e Oliveira que, possuindo uma oratória elegante, de concepção rápida, firme e inteligente, houve por bem representar o sentir de todos vós.

São elas um incentivo enorme para que continue eu a colaborar convosco em uma atmosfera de calma, de trabalho e de amor, na prolongação do bem estar social e constante progredir deste município, onde tudo é grande, desde o seu exuberante solo até à própria esmola.

Nestes últimos cinco meses muito tenho viajado... Percorri cidades e vilas... vi, observei, admirei, quer diante do belo natural, às vezes trágico e fantástico, quer diante da audácia e do arrojo do engenho humano; porém, eu vos asseguro, houve ocasiões em que o burburinho das cidades, o contínuo silvo das fábricas, que dão o pão de cada dia a milhares de desprotegidos da fortuna; o murmúrio suave e evocativo das ondas, que se desfazem serenamente nas praias, o arremesso estrondoso de outras, em fúria eterna, nas quilhas dos navios e nos granitos dos penhascos; o arfar estridente das locomotivas, que rasgam os campos e os matos, os montes e os vales na ânsia da civilização, houve ocasiões, repito, em que tudo isso, que é belo, grandioso e extraordinário, me fazia mal aos nervos.

E por que, meus amigos?

Porque eu tinha saudades desta terra amada, eu tinha saudades de todos vós.

A vossa grande generosidade eu vos retribuo com a minha imperecível gratidão.

De vós eu sou cativo.

Passo Fundo, 19 de outubro de 1935

158 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL PG. 191

Proferido em 15 de Novembro de 1928.

Agradeço ao prezado amigo, Dr. Arthur Prado Sampaio, as referências que a sua nobreza de caráter e que a sua formosa inteligência, cheia de bondade, ditaram sobre a apagada individualidade, que, por momentos, tem a insigne honra de vos preocupar a atenção.

Expresso também o mais vivo reconhecimento pela comparência, que tanto me orgulha e me desvanece das altas e ilustres autoridades civis e militares, assim como pela presença de todos os meus distintos amigos.

Acabo de ser empossado no cargo de Intendente deste município, para o qual, em 16 de Setembro, fui eleito em pleito libérrimo e em rigor fiscalizado.

Bem sei aquilatar das grandes e iniludíveis obrigações inerentes à posição, mas eu não tenho como todo homem de caráter não tem o horror das responsabilidades.

“O amor pelas responsabilidades é o respeito de si mesmo e o respeito da coletividade de que faz parte” (Faguet).

Múltiplos são os problemas que interessam, de perto, à nossa vida administrativa, e conto, por certo, para resolvê-los com a cooperação digna e elevada, sincera e honesta, dos homens bons, sinceros e honestos, desta terra.

É preciso que, quando em foco o futuro e a grandeza de Passo Fundo, sejamos uma só força, que congreguemos todos os esforços, que a nossa atividade e o nosso labor não sejam dispersos em lutas estéreis, que, no geral, só nos deprimem.

Profundamente político como sou, tendo pelo meu glorioso partido um verdadeiro amor, cultuando a honra e educado em severas normas cívicas, não me cegam, no entanto, nem nunca me obscureceram a razão, as minhas paixões partidárias, em detrimento do bem coletivo.

É lapidar, nesse sentido, o conceito do filósofo de Montpellier: “A sã política é filha da moral e da razão”.

Administrar não é tão somente arrecadar impostos e aplicar os dinheiros públicos; é, além disso, e algumas vezes mais que isso, manter e desenvolver o bem social, promovendo, dentro da paz e da justiça, em um ambiente de cordialidade, em uma atmosfera de tolerância, a felicidade de um povo. É que, já o disse Maurice Maeterlink, a humanidade é feita para ser feliz, como o homem é feito para ser sadio.

A vida de uma sociedade bem se pode comparar a uma grande e poderosa máquina, onde, para seu útil aperfeiçoamento e completa função, todos os elementos, dos mais complicados aos mais simples, assim como os poderes dos menores aos maiores, se devem sempre auxiliar mutuamente, sem entrechoques, colimando uma finalidade única. É por isso que envidarei o máximo empenho para manter com os poderes constituídos do Município, do Estado e da União as melhores relações de harmonia, de respeito e de consideração, sem rupturas de continuidade, de mãos dadas, irmanados no amor da Pátria.

Senhores – Na época em que, de acordo com o Partido Republicano, lancei a candidatura do Senhor Armando Araujo Annes ao mais alto cargo administrativo desta dadivosa gleba, tive a oportunidade de, em memorável Assembléia, avançar a seguinte asserção: “Armando Araujo Annes é hoje uma esperança que surge transformada amanhã, e disso temos robusta certeza, em brilhante realidade, pois muitos são os dotes que aprimoram, enobrecem e ilustram o seu espírito, e muitos são os elos, fortes e superiores, que o prendem à esta terra”.

De fato, meus amigos, não falhou a expectativa, e ai tendes diante de vós, em uma afirmação solene, a sua esplêndida e magnífica administração.

Superiormente orientado, bom e digno, cumpriu o seu mandato, de modo a se fazer hoje alvo das nossas congratulações, e principalmente credor dos meus mais sinceros agradecimentos.

Encerro esses breves conceitos, pedindo a Deus que, como única recompensa, conceda-me o favor e a graça de, ao deixar a Intendência, merecer de vós a mesma confiança, o mesmo apreço e os mesmos aplausos de hoje.

Se assim for, serei generosamente recompensado.

Levanto a minha taça pela glória de Passo Fundo e pela prosperidade pessoal de cada um de vós.

Passo Fundo, 19 de Outubro de 1935

